José Maria Vigil

MARIA DE NAZARÉ

Subsídios pastorais para a comunidade cristã

JOSÉ MARIA VIGIL

MARIA DE NAZARÉ

Subsídios pastorais para a comunidade cristã

EDIÇÕES PAULINAS

PRÓLOGO

Maria de Nazaré ainda é atualidade. Mesmo nesta nossa Igreja da contestada Libertação. Digo mais: é nesta Igreja, sobretudo, que ela é atualidade, nova e forte. Porque é mais do que latino-americana, utopia, paradoxo e mistério, periferia à margem e vitória da pequenez, essa Maria de Nazaré, comadre pobre, esposa do lavrador-operário-biscateiro, cantadora libertária do *Magnificat*, seguidora do "subversivo" Jesus, Filho do Deus Vivo e filho dela, condenado e executado pelo Império e pelo Templo, porém ressuscitado e presentíssimo.

E é bom que nossas comunidades cristãs, as queridas Comunidades Eclesiais de Base e quantos acreditam nelas e as acompanham, recuperem, renovados, a presença e o exemplo de Maria de Nazaré. Porque também é verdade que, entre todos, conseguimos escurecer a identidade de Maria e tornamos Maria distante do povo mais consciente em sua fé ou mais militante em seu dia-a-dia. Aquele dito antigo, "nunca de Maria bastante", acabou sendo um "chega de Maria", talvez. . .

Maria de Nazaré virou demais, quem sabe — ou todos sabemos —, a Senhora celeste, milagreira, propícia para certos dias maiores, protetora influente junto do Altíssimo Senhor. Uma espiritual Madame, des-humanizada. Quando ela é a primeira "crente" fiel — feliz porque acreditou, diz o Evangelho na melhor síntese mariológica —, a mais sincera seguidora de Jesus, a cristã exemplar, Igreja viva, sinal da Igreja. Sendo Mãe de Jesus, sim, misteriosamente Virgem-Mãe, gloriosa Senhora Nossa também. Uma e outra coisa, juntamente, ela é em sua identidade e isso deve ser para nossa devoção; para exemplo de quantos tentamos seguir Jesus, como ela o seguiu; para os que esperamos estar um dia com Jesus, gloriosos, como ela agora está.

Isso tudo, em sínteses doutrinais, com sugestões para a reflexão e para a pastoral, o padre José Maria Vigil — companheiro claretiano — apresenta neste livro *Maria de Nazaré — subsídios pastorais para a comunidade cristã.*

Lendo o Sumário já dá para sentir o leque de sugestões ricas que o livro fornece e sua seriedade mariológica, atualizada, "pós-conciliar"; uma ladainha bela e consistente para saudar e acompanhar a Mãe de Jesus:

— Filha do Pai, Verdadeiramente humana, Mulher oprimida e liberta, Fé no meio da escuridão, Maria do povo, Profetiza dos pobres, Feliz por ter praticado a palavra, Mãe de coração responsável, Flor do Reino de Deus, Mãe da esperança, Mulher do sim, Mulher nova, Mãe de todos os cristãos, Maria na alegria eterna...

José Maria Vigil é especialista em "subsídios pastorais" para as comunidades. Sempre pedagógico e profundo, atualizador feliz, divulgador exigente. Vive entre a Espanha, onde trabalha habitualmente, e esta nossa América Latina, que acompanha com paixão, que já visitou e onde trabalhou também em serviços de emergência pastoral. Mais concretamente, na sofrida Nicarágua.

Os textos antológicos que Vigil oferece são válidos universalmente. Muitos deles são "nossos": de Leonardo Boff, de Carlos Mesters, de Enrique Dussel... São textos ecumênicos também.

Um livro que será útil para grupos e comunidades de oração e de pastoral, para comunidades religiosas ou seminários; para certos encontros ou dias assinalados, de vigília ou romaria; nos tempos fortes marianos de maio e outubro, nas novenas da Padroeira, no Advento, aos sábados. Na oração pessoal e na oração comunitária.

O próprio autor adverte que se deve "selecionar, corrigir, substituir, adaptar" os conteúdos e a ordem do temário.

O livro é "subsídio", estímulo, convite. O Espírito e a fé de cada um ou de cada comunidade saberão ir, além do livro, ao encontro da verdadeira Maria de Nazaré.

PEDRO CASALDÁLIGA
Bispo de São Félix do Araguaia, MT

APRESENTAÇÃO

O que aqui apresentamos nada mais é que um conjunto de simples subsídios para diversas celebrações marianas: alguma celebração do mês de Maria, alguma novena a Maria ou qualquer outra celebração mariana.

É um material *para a comunidade cristã*. Isto significa que se pretendeu expressamente uma linguagem simples e sem complicações, assim como uma apresentação sucinta, para tornar o material o mais viável possível para todos. Com efeito, não se trata de um livro concebido como ajuda técnica para o animador ou o agente pastoral. Antes, trata-se de algo que deve ser posto nas mãos dos membros da comunidade e, dentro dela, de seus animadores ou responsáveis. Os catequistas e os educadores o utilizarão com proveito como auxílio em suas celebrações marianas com crianças. Do mesmo modo o sacerdote — ou o animador do culto da comunidade —, para dirigir a celebração comunitária de uma novena ou do mês dedicado a Maria. Igualmente o utilizarão com proveito os simples fiéis da comunidade cristã para prolongar em casa, em família, com os filhos ou os vizinhos, a reflexão e a oração da celebração comunitária. Também, e muito especialmente, os enfermos, privados de assistir à celebração comunitária, poderão dela participar em espírito, nos mesmos esquemas ou roteiros sobre os quais a comunidade realiza sua celebração; será uma forma bem prática de não marginalizar os enfermos e de fazê-los participar da vida espiritual da comunidade cristã.

Nessa perspectiva de simplicidade e de utilização comunitária, estes subsídios foram experimentados proveitosamente e com êxito numa ampla comunidade cristã antes de nos decidirmos a publicá-los e, assim, oferecê-los à comunidade cristã global.

Como afirmamos, claro que há diversas possibilidades de utilização.

Poderá ser utilizado *durante a missa*. Podem-se fazer, então, algumas das leituras bíblicas assinaladas. Tanto o texto antológico como a reflexão, exame e conversão, podem servir de material para a homilia. Os cantos adequados e algumas exortações podem completar a celebração.

Poderá também ser usado *fora da missa*, em forma de uma simples celebração da Palavra. A ordem lógica poderia ser: canto de entrada, saudação, leitura bíblica, canto de resposta à Palavra, texto antológico (se se quiser utilizá-lo), comentário, homilia ou diálogo comunitário, oração dos fiéis (expressa em pedidos espontâneos), Pai-nosso e Ave-maria, rito da paz, oração comunitária final, invocação e canto de despedida. Desta forma, *fora da missa*, poderá ser aproveitado em casa, em família, com os filhos, com os vizinhos, na reunião de grupo, na comunidade de base etc.

Também poderão usar-se estes subsídios *em particular, individualmente*, se alguém estiver impedido de assistir à celebração comunitária por enfermidade ou qualquer outra causa. Neste caso, ainda que a pessoa utilize este material com toda a liberdade, colocando-o inteiramente a serviço de uma intensa oração pessoal, sempre será para essa pessoa motivo de solidariedade e união com a comunidade saber que está fazendo uma oração pessoal com os mesmos temas e subsídios que seu grupo — família, comunidade de base, paróquia... — utiliza.

Quanto aos *conteúdos*, é claro que cada comunidade, família ou grupo deve selecionar, escolher, modificar ou, até, substituir os temas que aqui aparecem, para adaptá-los à sua própria espiritualidade e às suas necessidades peculiares. É uma tarefa à qual nenhuma comunidade pode renunciar, nem seus animadores ou agentes pastorais.

Quanto à *ordem* em que aqui dispusemos os temas, só temos a dizer que é uma, mas que há muitas outras possíveis. Neste particular deve-se proceder com muita liberdade. Aqui também cada comunidade ou agente pastoral tem sua própria responsabilidade.

Desejamos que tenha o mesmo êxito e que produza os mesmos frutos que já produziu nas comunidades cristãs em que foi experimentado.

Nota da Editora

Os cantos que são sugeridos ao término das celebrações estão reunidos no final do livro.

1. FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER

Palavra de Deus

Jo 2,1-5: Fazei tudo o que ele vos disser.

Lc 11,27-28: Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus...

Mt 7,21-27: Nem todo aquele que me diz "Senhor, Senhor"...

Texto antológico

"Finalmente, se necessário fosse, gostaríamos de ressaltar que a finalidade última do culto à bem-aventurada Virgem Maria é glorificar a Deus e concitar os cristãos a uma vida absolutamente conforme à sua vontade. Com efeito, os filhos da Igreja, quando, unindo suas vozes à voz da mulher anônima do Evangelho, glorificam a mãe de Jesus, exclamando, voltados para Ele: 'Felizes as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram' (Lc 11,27), se verão induzidos a considerar a grave resposta do divino Mestre: 'Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam' (Lc 11,28). Esta própria resposta, se é um vivo elogio à Virgem, como interpretaram alguns Santos Padres e como o confirmou o Concílio Vaticano II, soa também para nós como uma exortação a vivermos segundo os mandamentos de Deus e é como um eco de outras advertências do divino Mestre: 'Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus' (Mt 7,21); e 'vós sois meus amigos, se praticais o que vos mando' (Jo 15,14)."

PAULO VI, *Marialis cultus*

Reflexão

Na exortação apostólica sobre o culto a Maria, o papa Paulo VI nos concita a prosseguirmos na devoção mariana, mas sempre sem esquecer sua finalidade última: "Glorificar a Deus e empenhar os cristãos numa vida absolutamente conforme à sua vontade".

A devoção a Maria nunca poderá ser tomada como uma peça à parte, autônoma, deslocada dentro da espiritualidade cristã. Como tudo o mais, estará orientada para a glória de Deus, que se expressa no cumprimento de sua vontade, manifestada em Jesus: o anúncio e a construção do Reino de Deus.

De qualquer forma, cabe ressaltar o caráter que a devoção mariana tem: o de veículo até Jesus. Já ela se havia antecipado, assinalando-nos no Evangelho: "Fazei tudo o que ele vos disser"...

Exame

— Vivemos nossa devoção mariana como algo autônomo, independente do conjunto de nossa fé cristã?
— Que aspectos não nos levam a Jesus Cristo?
— Essa fé nos compromete a segui-lo?
— Somos dos que dizem "Senhor, Senhor" sem fazer a vontade do Pai, ou "Maria, Maria" sem seguir Jesus?

Conversão

* Rever a própria vida e, depois, tomar decisões para pôr em prática aquele conselho de Maria: "Fazei tudo o que ele vos disser".

* Encarnar a devoção mariana de nossa comunidade cristã na vida real, nas preocupações diárias pela melhoria do mundo, no discernimento comunitário para encontrar a vontade de Deus.

Invocação

Mãe de Jesus, fiel discípula sua.
Ajuda-nos a fazer o que ele nos disse.

Oração

Deus, nosso Pai, que quereis que nosso maior louvor a vós seja nosso empenho pessoal e comunitário para tornar realidade vossa vontade expressa por Jesus — o Reino! —, fazei com que, movidos pelo exemplo de Maria, "façamos o que ele disse e fez".

Canto

2. CULTO MARIANO RENOVADO

Palavra de Deus

Lc 11,27-28: Felizes, antes, os que ouvem a palavra...

Texto antológico

"Depois de haver oferecido estas diretrizes, ordenadas com vistas a favorecer o desenvolvimento harmonioso do culto à mãe do Senhor, cremos oportuno chamar a atenção para algumas atitudes errôneas de culto. O Concílio Vaticano II já tinha denunciado de maneira autorizada seja o exagero de conteúdos ou de formas que chegam a falsear a doutrina, seja a estreiteza de mente que obscurece a figura e a missão de Maria; denunciou também algumas devoções de culto: a vã credulidade que substitui o empenho sério pela fácil aplicação tão-somente de práticas externas; o estéril e passageiro movimento do sentimento, tão alheio ao estilo do Evangelho, que exige obras perseverantes e ativas. Renovamos esta denúncia: não estão em harmonia com a fé católica e, por conseguinte, não devem subsistir no culto católico. A defesa vigilante contra estes erros e desvios tornará mais vigoroso e genuíno o culto à Virgem: sólido em seu fundamento, pelo qual o estudo das fontes reveladas e a atenção aos documentos do Magistério prevalecerão sobre a desmedida busca de novidades ou de feitos extraordinários; objetivo no enquadramento histórico, pelo qual deverá ser eliminado tudo aquilo que for manifestamente legendário ou falso; adaptado ao conteúdo doutrinário, donde a necessidade de evitar apresentações unilaterais da figura de Maria que, insistindo excessivamente sobre um elemento, comprometem o conjunto da imagem evangé-

lica; límpido em suas motivações, daí por que manter--se-á cuidadosamente longe do santuário todo interesse mesquinho."

PAULO VI, *Marialis cultus*

Reflexão

A crise da renovação do Concílio Vaticano II, provocada pelo Espírito Santo na Igreja, afetou tudo. Também afetou o culto mariano. Não é precisamente colaborar com o Espírito pensar que as coisas devam continuar iguais ao que eram trinta anos atrás, ou repelir toda intenção de renovação. O próprio Paulo VI, em sua exortação apostólica sobre o culto a Maria (*Marialis cultus*), relaciona enganos ou desvios cuja correção se impõe: atitudes errôneas de culto, exagero de conteúdos e formas, adulteração da doutrina, estreiteza de mente, credulidade vã, sentimentalismo, coisas manifestamente legendárias ou falsas...

Não podemos fechar os olhos. É um chamado da Igreja. Hoje em dia, a fidelidade à Igreja inclui uma atitude de querer continuar crescendo na expressão religiosa de nossa devoção mariana.

Exame

— Somos imobilistas que pensam que nada mudou na Igreja?

— Temos feito um verdadeiro esforço de renovação? Dificultamos essa renovação com nossas críticas, repulsas ou escândalos?

— Que defeitos ou falhas, dos assinalados por Paulo VI, tem nossa devoção mariana?

Conversão

* Apoiar em nossa comunidade cristã a renovação do culto mariano com um espírito de fidelidade criadora.

* Rever nossa piedade mariana pessoal.

Invocação

Mãe da Igreja.
Ajuda-nos a sermos fiéis seguidores de Jesus.

Oração

Ó Deus, que em Maria nos destes um exemplo definitivo de discípula fiel de Jesus, fazei com que não empanemos sua imagem evangélica nem nunca nos afastemos da verdade do Evangelho.

Canto

3. FILHA DO PAI

Palavra de Deus

Lc 10,17-22: Ninguém é bom, a não ser Deus.
Mt 7,7-11: Quanto mais vosso Pai, que está nos Céus.
Mt 5,46-48: Sede bons como vosso Pai do Céu.
Lc 15,11-32: O filho pródigo.

Texto antológico

"Do mesmo modo, temos de ser muito mais cuidadosos na utilização que fizermos, a este respeito, das analogias humanas, se é que queremos continuar plenamente conscientes da função especificamente mariana que a mãe de Deus desempenha na ordem cristã da redenção. Um exemplo disto é a idéia da chamada 'Escola Francesa' de que Maria está proclamando sem cessar a justiça de Deus — e a justiça de Cristo — e de que, no último instante, é capaz de conter o braço de Cristo que se ergue para descarregar o castigo. Indiscutivelmente, essa imagem desempenhou um papel importante no caso dos visionários de La Salette. E não podemos negar que é uma maneira muito impressionante de ilustrar a intervenção de Maria por meio do poder da súplica. Mas, inegavelmente, não fomenta uma verdadeira estima da genuína função salvífica de Cristo. A misericórdia de Maria deriva inteiramente, e tem sua função na compaixão do próprio Cristo, o Deus-homem, o qual havia demonstrado superabundância de compaixão para com Maria, como primícia que ela era da redenção. Maria desdobra em sua pessoa o aspecto maternal dessa divina misericórdia de Deus. Nunca, porém, será permitido considerar a intervenção ma-

ternal de Maria como uma espécie de contrapeso da justiça divina de Cristo, ainda que a intervenção mariana seja realmente eficaz."

E. SCHILLEBEECKX

Reflexão

Houve uma visão mariológica que, inconscientemente, desenvolveu uma imagem de Maria como uma espécie de correlato feminino da divindade. Quis pôr em Deus as qualidades pretensamente masculinas, como o poder, a criação, a lei, a força legisladora, o poder judicial, o poder sancionador e de punição implacável... E, por outro lado, imaginou como concentradas em Maria as qualidades de bondade, perdão, misericórdia.

Fruto de tudo isso é uma imagem mítica de Maria detendo no céu o braço da cólera de Deus...

Isso é simplesmente falso, inaceitável numa visão cristã realmente de acordo com o Evangelho. É um débil serviço à piedade mariana. Há que superá-lo.

Ainda nos restam, porém, vestígios dessa mentalidade quando atribuímos a certas práticas de piedade uma eficácia automática de salvação eterna, inteiramente desligada do Evangelho, quando não temos nossa visão cristã inteiramente centrada no Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, quando não centramos toda nossa prática na luta pela causa de Jesus tal como aparece no Evangelho.

Exame

— Existe algo fora de foco em nossa piedade mariana?

— Que coisas, idéias ou práticas que outrora tivemos e devemos dar por superadas?

— Que fazemos para recuperar aquelas pessoas que abandonaram a fé, escandalizadas com práticas cristãs alheias ao Evangelho?

Conversão

* Situar Maria em nossa espiritualidade dentro de um marco inteiramente centrado no Evangelho.
* Banir toda idéia negativa sobre Deus que possa infiltrar-se na devoção mariana.
* Dar testemunho de um cristianismo inteiramente evangélico ante aqueles que têm a idéia de religião como superstição, mitificações, práticas ritualistas...

Invocação

Maria, filha do Pai.
Leva-nos sempre por Jesus até o Pai.

Oração

Deus, nosso Pai, fonte e origem de todo dom e de toda bondade, fazei com que nunca duvidemos de vosso amor de Pai, que supera toda capacidade humana de compreensão.

Canto

4. EM BUSCA DO ROSTO REAL DE MARIA

Palavra de Deus

Lc 1,26-38: Faça-se em mim segundo a tua palavra.

Mt 7,24-29: Quem põe em prática essas minhas palavras, constrói sobre a rocha.

Texto antológico

"No desenvolvimento da mariologia e, particularmente, dos dogmas marianos, influiu historicamente aquele velho princípio: *potuit, decuit, ergo fecit*, que aplicado ao tema mariológico podemos traduzir: Deus *pôde* outorgar a Maria um determinado privilégio; este se *adequava* a sua dignidade; *portanto, ele lhe foi conferido* de fato. Santo Afonso de Ligório partia desse princípio e da convicção de que toda prerrogativa que não desmereça Maria lhe pode ser atribuída. Tal convicção preside seu livro sobre *Las glorias de María*, que representa, sem dúvida, uma das mais valiosas jóias da literatura mariana de todos os tempos. Santo Afonso exprimia, assim, carinho incalculável por Nossa Senhora, que distinguiu toda sua vida e que legou a sua família religiosa.

Hoje nos movemos dentro de outras coordenadas culturais e antropológicas na hora de formular nossa teologia. E se a tônica do amor reverente continua sendo constante de nosso procedimento teológico sobre Maria, também somos especialmente sensíveis às possíveis sobrecargas ideológicas e às mistificações excessivas que o curso dos tempos e das culturas foi acumulando sobre sua figura. Resistimos a aceitar como

genuinamente cristã qualquer imagem de Maria revestida de uma roupagem ornamental que termina por alienar de nós seu frescor natural.

O primeiro princípio hermenêutico que orienta nossa reflexão pretende *desvelar o rosto real de Maria*, quer nos agrade mais ou nos agrade menos, esteja ele de acordo com nossa visão convencional ou em certo desacordo. A principal prerrogativa de Maria baseia-se precisamente na verdade de sua realidade histórica. Se bem que os dados de que dispomos para recompor sua fisionomia histórica sejam muito exíguos, sabemos contudo que ela não pertence ao mundo dos mitos, mas sim, ao mundo da história: foi um ser humano real que viveu num dado tempo e numa geografia também real, sob condicionamentos sócio-culturais reais, que não apenas explicitam a veracidade de seu existir concreto, como também determinaram tais condicionamentos o desenvolvimento e a modalidade de sua própria personalidade."

MIGUEL RUBIO

Reflexão

Os evangelhos não foram escritos para que saibamos algo, mas para que creiamos. São mensagens para a fé. Não foram escritos como crônicas jornalísticas nem como narrações informativas. São expressões da fé das primeiras comunidades cristãs, às vezes cheias de difíceis elaborações teológicas.

Quando nos aproximamos dos evangelhos, corremos o risco de interpretá-los mal se os tomarmos como aquilo que eles não são. Por isso, uma leitura simples e uma interpretação direta podem ser simplesmente um ingênuo equívoco.

Até pouco tempo atrás, não dispúnhamos de meios técnicos e científicos suficientes para sabermos distinguir aquilo que são dados históricos do que são elaborações teológicas. Na realidade, continua sendo uma questão aberta, que nunca ficará inteiramente definida.

Hoje, porém, estamos em condições que nossos antepassados de fé considerariam invejáveis. Hoje recuperamos cientificamente muitos dados do ambiente social, cultural, político e econômico do tempo de Jesus e Maria e muitos dados atinentes à fisionomia histórica real deles. Diante dessas perspectivas, muitas das vidas de Jesus e Maria que há poucos decênios ainda alimentavam nossa fé tornaram-se definitivamente superadas.

Hoje em dia, para uma piedade cristã que tenha um mínimo de informação, é necessário ter idéias claras sobre a historicidade dos evangelhos, sobre como e para que foram escritos, sobre a possibilidade e impossibilidade de uma biografia de Jesus ou de Maria.

Ao mesmo tempo, é indiscutivelmente importante ter bem clara uma valorização da história concreta na qual se realizaram os fatos da história da salvação, para não cairmos na perspectiva desencarnada daqueles que podem pensar não serem relevantes para a fé os dados concretos das palavras, os fatos, a história real de Jesus de Nazaré, como se pudessem ser indiferentemente intercambiáveis com os de qualquer outro hipotético homem-Deus. Não é um homem qualquer que confessamos como Deus, mas sim um homem concreto, histórico, que se chamou Jesus de Nazaré. É nele que se nos faz inconfundível e impossível de ser permutado por outro seu rosto, seu rosto cristão. E o mesmo se passa com Maria. Maria não é uma mitológica figura celeste, da qual não teria importância seu autêntico rosto histórico real.

Será importante utilizar como tema este aspecto na reflexão pessoal e comunitária para adotarmos uma atitude que valorize devidamente os aspectos redescobertos no Evangelho.

Exame

— Estudamos a palavra de Deus ou nos contentamos com o que nos ensinaram quando éramos pequenos? Assistimos a algum curso bíblico para adultos?

— Temos em nossa cabeça imagens de Jesus e de Maria que misturam o histórico com o piedoso, com o lendário ou puramente imaginário? Fazemos um esforço de formação e estudo para termos uma visão sólida dos fundamentos históricos de nossa fé?

— Pensamos que Deus acaso não valoriza nossa história real concreta, que o que importa é simplesmente que cheguemos à pátria celeste, esquecendo a Terra?

— Valorizamos suficientemente que Jesus e Maria compartilharam inteiramente de nossa realidade humana, com condicionamentos históricos concretos semelhantes aos nossos, quer dizer, psicológicos, culturais, físicos, climáticos, políticos, de culto, econômicos etc., ou pensamos — inconscientemente — que aqui, na Terra, viveram uma vida meio mítica e celeste?

Conversão

* Tomar decisões concretas para formar e ilustrar mais nossa fé.
* Valorizar mais e mais a história real, como corpo concreto onde Deus se encarnou.

Invocação

Maria de Nazaré, mulher autêntica de nossa raça e de nossa história.
Faz-nos fiéis discípulos de Jesus.

Oração

Deus nosso, que por Maria entrastes na história e assumistes carne em circunstâncias inteiramente determinadas e concretas, nós vos pedimos que eduqueis nossos olhos para que sejamos capazes de descobrir vossa presença viva nas aparências da história real.

Canto

5. MARIA, VERDADEIRAMENTE HUMANA

Palavra de Deus

Mt 2,13-15: Fuga para o Egito.
Jo 2,1-2: Festa das bodas de Caná, na Galiléia.

Texto antológico

"Faremos bem em considerar a família de Nazaré como composta por pessoas que estavam comprometidas numa batalha por sua fé, pessoas que enfrentavam com valentia todas as dificuldades da vida graças a uma completa submissão às supremas disposições de Deus. O retrato verdadeiro e completo da vida de Maria não o achamos nos textos apócrifos do Novo Testamento, mas sim no sóbrio relato dos evangelhos. A vida de Maria não segue o esquema dos contos de fadas, como o de Branca de Neve. Não há passarinhos silvestres que lhe trazem preciosos adereços em seus biquinhos nem que a tiram do perigo em meio a uma deliciosa música celestial. Se Maria tivesse sido assim, não teria se constituído para nós num exemplo de fortaleza em nosso cotidiano batalhar, com as duras realidades de uma vida que é tudo menos um belo conto de fadas. A vida de Maria seria simplesmente um narcótico. E, uma vez passado seu efeito, teríamos de enfrentar a austera realidade da vida, carregando conosco um sentimento de inconsolável aridez: uma aridez muito maior que a que tínhamos antes. A vida de Maria, como a nossa, foi verdadeiramente humana. E ela também estava às voltas com a mesma espécie de situações sociais opressoras, desesperadoras e, com freqüência, aparentemente insolúveis: aquelas situações em que todo

ser humano se encontra de vez em quando. Mas Maria, com seu exemplo, nos mostrou como a fé no mistério de Deus vivo é mais poderosa que a vida humana, mais poderosa — também — que a morte e, até, que a morte do próprio Messias."

E. SCHILLEBEECKX

Reflexão

A tradição piedosa despejou tantos louvores imaginários sobre Maria, que acabávamos vendo-a afastada, distante, em outro planeta, inimitável, quase divina. As imagens de gesso optaram por apresentá-la a nós revestida de sua glória celeste, ocultando-nos a indumentária de sua vida diária, como mãe laboriosa e simples do casario de Nazaré... Alguém chegou a dizer que foi preservada por Deus de toda dor desde o primeiro instante de seu ser natural...

Ao pensar em Maria, fomos nos deixando levar, ao longo dos séculos, por um sentimento de fantasia e romanticismo e por um vergonhoso sentimento de desprezo maniqueísta para com tudo que é "muito humano": o corpo, a vida cotidiana, as servidões humanas mais simples... Pensávamos que enaltecíamos Maria quanto mais nos distanciávamos de sua simples, verdadeira e profunda humanidade. Como se o nascimento de Jesus seria mais digno dele e de sua mãe se fosse "como um raio de sol que atravessa um cristal"...

Tudo foi uma filosofia, umas influências, uma mentalidade extrabíblica, feita de platonismo, de maniqueísmo, de idealismo.

O mesmo se havia passado conosco relativamente a Jesus. Hoje, com fé cheia de admiração, redescobrimos sua profunda e completa humanidade. Em Jesus, Deus nos manifesta seu rosto profundamente humano. A vida e a pessoa de Jesus nos mostram que, tão profundamente humano, só Deus mesmo pode ser.

Maria pode ser modelo para nós porque é uma mulher de nossa raça, de nossa terra, membro do povo de Deus, a primeira crente, profundamente humana.

Exame

— Deixamos que nossa fé nos modele e nos torne profundamente humanos ao nos purificarmos de todo vestígio de intolerância, rigorismo, legalismo, puritanismo, escrúpulo?...

— A Igreja — e nós com ela — dá testemunho de ser profundamente humana?

— Temos alguma idéia maniqueísta de desprezo pelo ser humano, beneficiando pretensamente o "espiritual" e o "sobrenatural", dando o humano como contraposição, alternativa, oposto?

— Somos dos que estranham e não aceitam redescobrir Jesus e Maria, segundo o Evangelho, como profundamente humanos?

— Por acaso temos a idéia de que Jesus é Deus à custa de ser menos homem? Somos dos que pensam que, às vezes, Jesus e Maria são apresentados como "demasiado humanos"?

Conversão

* Valorizar e desatar as energias humanizadoras que nossa fé possui.
* Empreender alguma ação concreta para tornar a Igreja mais humana.
* Compreender aqueles que abandonaram a religião por a considerarem demasiado idealista ou pouco humana.
* Humanizar as ações e os relacionamentos em nossa comunidade cristã, em nossa família.
* Educar os olhos da fé para saber ver a presença de Deus, que palpita por detrás dos modos de vida que representam verdadeira humanidade.

Invocação

Mãe de Jesus, o Homem Novo.
Faz-nos participar de sua Humanidade Nova.

Oração

Pai, vós que em Maria, a mãe de Jesus, nos destes um exemplo de vida verdadeiramente humana, não imune a nenhuma das duras realidades da vida real cotidiana, e em Jesus nos mostrastes vosso rosto humano, tipo e modelo de toda humanidade, fazei-nos profundamente humanos, para sermos melhores filhos vossos, em Jesus, vosso Filho, o Homem Novo.

Canto

MARIA,
VERDADEIRAMENTE HUMANA

6. MULHER OPRIMIDA E LIBERTA

Palavra de Deus

Gl 5,1: É para a liberdade que Cristo nos libertou.

Jo 19,25-27: Junto à cruz estava sua mãe.

Gl 3,26-28: Não há homem nem mulher.

Mc 15,37-41: Estavam lá algumas mulheres, que o haviam seguido e servido na Galiléia, e muitas outras, que haviam subido com ele para Jerusalém.

Lc 8,1-3: Acompanhavam-no os doze e muitas mulheres, que o ajudavam com seus bens.

Mc 15,40-41: Madalena, Maria e Salomé, quando estavam na Galiléia, seguiam-no e o atendiam. Muitas mulheres haviam subido com ele a Jerusalém.

Texto antológico

"No Oriente, a mulher não participa da *vida pública*. Quando a mulher judia de Jerusalém saía de casa, tinha o rosto coberto com um toucado, que consistia em dois véus sobre a cabeça, um diadema sobre a fronte com tiras pendentes até o queixo e uma malha de cordões e nós; deste modo não se podiam reconhecer os traços de seu rosto. A mulher que saía sem o toucado que ocultava seu rosto ofendia a tal ponto os bons costumes que seu marido tinha o direito — inclusive o dever — de mandá-la embora, sem estar obrigado a pagar-lhe a quantia estipulada no contrato matrimonial para o caso de divórcio. Havia, inclusive, mulheres que cumpriam tão rigorosamente o preceito, que não se desvelavam nem em casa.

As mulheres deviam passar desapercebidas em público. As regras de boa educação proibiam encontrar-se

a sós com uma mulher, olhar uma mulher casada e, até, saudá-la; era uma desonra para um aluno dos escribas falar com uma mulher na rua.

A *situação da mulher em casa* correspondia a essa exclusão da vida pública. As filhas, na casa paterna, deviam andar atrás dos rapazes; sua formação limitava-se a aprendizado dos trabalhos domésticos. Com relação ao pai, tinham com certeza os mesmos deveres que os filhos. Mas não tinham os mesmos direitos que seus irmãos. Por exemplo, no que diz respeito à herança, os filhos e seus descendentes tinham precedência sobre as filhas. O *pátrio poder* era extraordinariamente amplo com relação às filhas menores antes de seu matrimônio.

Os deveres da esposa consistiam, em primeiro lugar, em atender às necessidades da casa. Devia moer, cozer, lavar, costurar, amamentar os filhos, fazer a cama de seu marido e, em compensação por seu sustento, preparar a lã, fiando-a e tecendo-a. Outros acrescentavam o dever de preparar para o marido o cálice em que bebia, lavar-lhe o rosto, as mãos e os pés. A situação de serva em que se encontrava a mulher diante de seu marido já se expressava nessas prescrições; mas os direitos do esposo iam mais além. Ele podia reivindicar aquilo que sua mulher encontrava, assim como o produto de seu trabalho manual e tinha o direito de anular seus votos. A mulher estava obrigada a obedecer a seu marido como a seu proprietário, e essa obediência era um dever religioso pois que o marido podia obrigar sua mulher a pronunciar votos. Os filhos estavam obrigados a colocarem o respeito devido ao pai acima do respeito devido à mãe. Em caso de perigo de morte era preciso primeiro salvar o marido.

Com relação ao grau de dependência da mulher relativamente a seu marido, há dois fatos significativos:

a) era permitida a poligamia. A esposa, por conseguinte, devia tolerar a existência de concubinas junto dela;

b) o direito ao divórcio era exclusivamente do homem. A opinião da escola de Hillel reduzia a pleno capricho o direito unilateral ao divórcio que o marido tinha.

A mulher viúva ficava também, em algumas ocasiões, vinculada ao marido: quando este morria sem filhos (Dt 25,5-10; cf. Mc 12,18-27). Neste caso, devia esperar, sem poder em nada intervir ela própria, que o irmão ou irmãos de seu defunto marido contraíssem matrimônio com ela ou manifestassem sua negativa, não podendo assim voltar a se casar.

As escolas eram exclusivamente para os rapazes e não para as jovens. Segundo Josefo, as mulheres só podiam entrar, no templo, no átrio dos gentios e no das mulheres. Havia nas sinagogas uma grade que separava o lugar destinado às mulheres. O ensino estava proibido às mulheres. Na casa, a mulher não era computada no número das pessoas convidadas a pronunciar a bênção após a refeição. A mulher não tinha direito a prestar testemunho, dado que — como se depreende de Gn 18,15 — era mentirosa. Só se aceitava seu testemunho em alguns casos excepcionais, os mesmos nos quais se aceitava também o testemunho de um escravo pagão. O nascimento de um varão era motivo de alegria, enquanto que — freqüentemente — o nascimento de uma filha era acompanhado de indiferença, até de tristeza.

Só partindo desta transposição de época é que podemos apreciar plenamente a postura de Jesus em face de mulher. Lc 8,1-3 e Mc 15,41 falam de mulheres que seguem Jesus: é um acontecimento sem paralelo na história da época. Conscientemente, Jesus muda o costume original, permitindo que as mulheres o sigam. Jesus não se contenta com colocar a mulher numa posição mais elevada do que aquela em que havia sido colocada pelos costumes; coloca-a perante Deus em igualdade com o homem (Mt 21,31-32)".

J. Jeremias

Reflexão

A crítica ao "machismo" sócio-cultural e os movimentos feministas são algo relativamente recente, mas a realidade a que se referem tem sido — quiçá — permanente na história humana. Secularmente, a mulher tem sido submetida ao varão, marginalizada, desprezada e oprimida em muitas culturas. Os progressos atuais dos estudos crítico-históricos sobre o mundo bíblico nos fazem saber melhor do que nunca como foi o ambiente social do tempo de Jesus e de Maria: a sociedade judaica, pela sua cultura, por suas instituições sociais e, inclusive, por suas tradições religiosas, foi fortemente machista e marginalizadora da mulher.

Claro está que, perante a mulher, Jesus susteve um comportamento radicalmente revolucionário diante dos costumes da época. Não se trata de querer convertê-lo num legítimo fundador de movimentos feministas, mas, sim, importa resgatar o impressionante protesto que Jesus, com seus feitos e com suas palavras, levantou contra aquela opressão da mulher. Com o que estava também honrando sua mãe. Maria, como mulher, deve ter sentido a brisa renovadora trazida pela conduta "feminista" de Jesus. Nele, ela se sentiu libertada, por antecipação.

Ser cristão, seguir a Jesus, implica segui-lo também nesta causa de defesa da mulher, na luta contra todas as injustiças da história. Esta é — também — uma forma prática de honrar a mãe de Jesus.

A Igreja foi deixando entrar em seu seio, com o tempo, costumes machistas, ideologias discriminatórias... Tampouco soube ver desde o princípio todo o potencial libertador da prática de Jesus. É a tarefa dos cristãos na história. A Igreja deveria ser o lugar de máxima libertação e de realização pessoal e social da mulher. Os cristãos deveriam participar de todas as frentes nas quais esteja em jogo a promoção da mulher... começando por nossa própria casa, nossos próprios costumes cristãos, nossas próprias práticas ecle-

siais e eclesiásticas, pondo o Evangelho e o seguimento a Jesus também acima de todo regulamento, disciplina, disposição ou cânone.

Exame

— Nossa comunidade cristã está comprometida com a causa da libertação da mulher?

— Existe verdadeira igualdade entre o homem e a mulher em nossa comunidade cristã? As mulheres que participam de nossa comunidade cristã podem ser apresentadas como mulheres libertadas?

— Fazemos com que a imagem que o Evangelho nos apresenta de Jesus perante a mulher possa chegar à mulher de hoje e aos movimentos sociais que lutam por sua libertação?

— Em nossa vida familiar, social, cultural, econômica, política, observamos alguns traços de machismo, de exploração ou de marginalização da mulher? Que fazemos perante isso?

— Fazemos tudo o que podemos para que a Igreja toda, também dentro de si mesma, apóie a igualdade entre o homem e a mulher?

Conversão

* Tomar Jesus como modelo de ação diante dos problemas sociais da mulher.
* Comprometer-se com a promoção da mulher tanto na sociedade como na Igreja.
* Viver no seio de nossa comunidade cristã uma superação real do machismo e da desvalorização da mulher.
* Analisar criticamente as atitudes, usos, costumes, leis... que nos circundam, tratando de decifrar os vestígios de ideologias machistas que ainda persistem.

Invocação

Maria, mãe de Jesus, mulher oprimida e libertada.
Teu filho nos libertou para que fôssemos livres.

Oração

Deus, nosso Pai: em Jesus, o filho de Maria, vós nos destes o exemplo da luta que temos de manter contra as servidões que oprimem o homem, contra toda alienação da dignidade humana. Ajuda-nos a não nos descuidarmos na luta contra toda forma de opressão da mulher, até que venha vosso Reino.

Canto

7. MARIA, A CAMINHO

Palavra de Deus

Lc 2,51-52: Jesus crescia em tamanho e em graça perante Deus e os homens.

Mc 3,20-21.31-35: Quem fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Texto antológico

É possível que para muitos a perfeição excepcional desta mulher 'cheia de graça', santa desde o princípio, etc., diminua os méritos e o que de exemplar sua figura tem: ela teve uns privilégios particulares que nós não temos. Apresentar Maria como 'feita' desde o princípio é uma simplificação que não se deu na vida de Cristo. Como todos os crentes, não houve remédio senão estar bem atenta a todos os 'sinais dos tempos' e às surpresas do futuro. Tampouco ela conheceu a densidade de sua 'hora' enquanto essa hora não chegou. Sua vida foi um caminhar de fé em fé e de graça em graça. Maria passou por diversos graus de desenvolvimento, 'ainda que inconsciente da grandeza que inclusive naquele estado já era sua. . . Maria é para ela própria um mistério de profundidade inexprimível, que constantemente a fazia tender na direção de novas metas' (cf. E. Schillebeeckx, *Maria, Madre de la Redención*, Madri, 1971, 90-91). Como disse muito bem Karl Rahner: 'Considerando as coisas do ponto de vista externo, ela viveu uma vida realmente comum, oculta, de trabalho, no ordinário da existência penosa de qualquer pobre mulher de um pobre rincão qualquer de um pequeno país, afastada da grande história, da grande civi-

lização e da política. Conheceu a busca e a angústia, nunca soube de tudo, chorou, deve ter se perguntado e deve ter se colocado inúmeras perguntas, como os demais homens, etapa após etapa, ao longo de toda a sua existência. Teve de perguntar a seu Filho: 'Meu Filho, por que nos fizeste isto? Considera que, angustiados, teu pai e eu te procurávamos'. Dela se diz por duas vezes que não compreendeu o que se lhe dizia (Lc 2,33 e 50). Em silêncio teve de acolher muitas coisas em seu coração para que mais tarde tudo isto frutificasse numa penetração e intuição claras (Lc 2,19 e 51)...'"

GILBERTO CANAL

"O que tem importância máxima é essa realidade espiritual, que deriva da completa submissão de Maria, na fé, a todo o mistério concreto de Cristo, e que procede também de sua intuição, que gradualmente foi se amadurecendo, intuição que — ainda que não explicitamente — achava-se presente em forma positiva desde o próprio começo, e que por fim irrompeu com assombrosa claridade. De qualquer forma, creio que seria fundamentalmente errôneo pôr maior ênfase na natureza explícita e num conhecimento antecipado do qual a fé de Maria desfrutaria, que não no mérito religioso — muito maior — de uma fé que se sacrifique a si mesma, de uma fé que não calcula de antemão, sem que — preferivelmente — conceda crédito para grandes quantidades, e que aceita acontecimentos futuros, ainda desconhecidos, que pareceriam estar em contradição com a idéia do Messias 'rei', tal como contida na mensagem do anjo".

E. SCHILLEBEECKX

Reflexão

A tradição religiosa nos apresentou Maria como "feita" e perfeita desde o princípio. Chegou-se a dizer que "plenamente consciente desde o primeiro instante de seu ser natural"...

Ao próprio Jesus, que era Deus e Homem, não lhe foi subtraída esta lei humana do crescimento, o dinamismo da evolução pessoal, o árduo labor do discernimento constante, a análise dos sinais dos tempos e do lugar, a escuta atenta e esforçada da voz de Deus através dos acontecimentos, a ineludível encarnação humana na história. A vida de Maria, como a de Jesus, teve de ser uma trabalhosa busca da vontade do Pai, um crescimento gradual em consciência...

Não somos seres "feitos" completos e perfeitos desde o princípio. Somos história. E Deus quer que aceitemos tanto suas possibilidades como suas limitações. Quando se fez homem e história em Jesus, ele as aceitou. E delas não afastou Maria, sua mãe. Assumamos na fé o estilo e a pedagogia de Deus.

A comunidade cristã também está na história e é história. E necessita de um discernimento contínuo, uma conversão permanente (Vaticano II, UR 6), um crescimento que não estanque, que não se imobilize, que não retroceda nem passe por involuções.

Exame

— Continuamos crescendo — ou faz tempo que estamos parados?

— Vivemos em discernimento constante, em alerta contínuo? Continuamos nos convertendo ou pensamos que já estamos totalmente convertidos?

— Aceitamos na fé a paciência de Deus e sua pedagogia ou preferiríamos que as coisas fossem de outra forma, segundo nosso gosto?

— Vivemos em permanente formação?

— Observamos os sinais dos tempos e os sinais dos lugares?

Conversão

* Tomar decisões para continuarmos crescendo, amadurecendo, aumentando nossa fidelidade, prosseguindo de forma permanente em nossa formação.
* Tomar decisões para lutar contra o estancamento, o retrocesso ou a involução na comunidade cristã, na Igreja, na sociedade civil e internacional.

Invocação

Mãe de Jesus, sempre a caminho e em crescimento.
Vem caminhar conosco.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Jesus e em Maria nos mostrais vosso chamado para seguirmos vossa vontade, a de que estejamos sempre a caminho, ajudai-nos a viver em conversão permanente, sem nunca nos determos em nosso caminho para vós.

Canto

8. FÉ NO MEIO DA ESCURIDÃO

Palavra de Deus

Lc 2,48-50: Ficaram surpreendidos e não compreenderam.

Gn 22,1-13: Toma teu filho e oferece-o em sacrifício.

Hb 11,1-12,3: Os testemunhos da fé.

Mt 14,22-23: Por que duvidaste, homem de pouca fé?

Hb 13,1-3: Com os olhos fixos em Jesus, pioneiro e consumador da fé.

Texto antológico

"Com freqüência nos inclinamos a pensar que a vida íntima que Maria, José e Jesus viveram em seu lar de Nazaré foi uma espécie de existência de 'conto de fadas'! Como deve ter sido fácil e idílica a vida num lugar cheio dos sons da voz do Menino Jesus, num lar em que cada vez que a mãe abraçava com ternura seu próprio filho, tinha em seus braços a divindade! Podemos estar seguros, porém, de que as coisas não foram assim. A realidade viva da Sagrada Família distava muito de ser um mundo de conto de fadas. Tendemos a nos esquecer que toda a vida terrena de Maria transcorria sob o véu da fé: de uma fé que não via nem compreendia, mas que continuava confiando na Providência divina. Tendemos a esquecer o peso acabrunhador da vida de fé que Maria viveu: uma vida de fé que a converteu na 'Rainha dos confessores'. Inclinamo-nos a dotar Maria — Maria tal como viveu na história — de uma espécie de visão intuitiva (em miniatura) de Deus, ainda que nada na Escritura nem na tradição nos fale disso, e ainda que isto seja contraditado

por todos os relatos genuínos, e especialmente pelo que lemos no Evangelho de Lucas. Além disso, não captamos a verdadeira grandeza da vida de Maria: sua vida de fé.

Maria empregou toda a sua vida na severa prova desta fé: não compreendendo, mas sim crendo com uma fé que ia se ampliando mediante a meditação e por viver em contato íntimo com aquele Filho que ia crescendo."

E. SCHILLEBEECKX

Reflexão

A tradição da literatura clássica e a iconografia costumeira nos apresentam uma imagem de Maria que sabia de tudo, que tudo via com clareza. Como se vivesse antecipadamente na esfera da divindade, com um conhecimento explícito prévio que compensasse a obscuridade da fé, as dúvidas, a simplicidade, o não entender.

A palavra de Deus, com a ajuda da teologia e das ciências bíblicas, restituiu-nos um Jesus também crente: Jesus tinha fé. E não sabia, não entendia... A vida de Jesus teve de ser de um laborioso discernimento na fé... Maria não foi um caso à parte.

Crer não é saber, não é ver claro, mas sim, confiar, entregar-se na escuridão. Sem escuridão não há fé. Quando vemos tudo claro, quando sabemos, já não faz diferença o fato de crermos — porque estamos vendo. Crer é caminhar em meio àquilo que é obscuro, sem outra luz que não a da própria entrega e confiança naquele em quem cremos. Todas as demais luzes e certezas, diante da fé, permanecem possibilidades.

Exame

— Como suportamos as dúvidas, as perplexidades, os desacertos na fé?

— Temos a idéia de que a fé nos vai evitar toda escuridão?

— Mantemos a fidelidade, apesar da escuridão?

Conversão

* Não meçamos nossa fé pelas dúvidas ou pelas obscuridades, mas sim, pela fidelidade a toda prova.
* Pôr — verdadeiramente — nossa vida nas mãos de Deus.

Invocação

Feliz és tu, que creste.
Ajuda-nos a crer, apesar das dificuldades.

Oração

Deus, nosso Pai: queremos entregar-nos a vós com uma fé robusta, inalterável, serena e confiante, apesar da tentação e da mais espessa obscuridade. De uma tal fé nos deu exemplo vosso Filho, abandonado na cruz, e também Maria, sua mãe. Damos-vos graças por seu exemplo e por vossa graça.

Canto

9. O FILHO DE MARIA COMO SINAL DE CONTRADIÇÃO

Palavra de Deus

Lc 2,33-35: Simeão a Maria: Jesus será um sinal de contradição.

Lc 4,28-30: Expulsaram-no da cidade e queriam precipitá-lo da colina.

Lc 6,20-26: Ai de vós quando todos falarem bem de vós.

Lc 23,4-5: Jesus aliviava o povo com seu ensinamento.

Mt 10,34-39: Não vim trazer paz, mas espada.

Lc 12,49-53: Vim trazer o fogo à terra. Dividir-se-ão dois contra três e três contra dois.

Texto antológico

"É preciso assinalar que a profecia de Simeão dirige-se explicitamente a Maria, mãe de Jesus. O evangelista tem o cuidado de indicar isso. Ela, pessoalmente, depois de haver recebido as promessas de alegria na Anunciação e no nascimento, tem de receber as profecias da contradição, referente a seu filho, e da espada,, referente a ela: '... e quanto a ti própria, uma espada transpassará tua alma'. Duas vezes o texto insiste na pessoa de Maria. Parece como se o ancião Simeão agora fixasse especialmente seu olhar sobre Maria para lhe dar bem a entender que o sofrimento daquele de quem fala diz respeito a ela — pessoalmente. Por causa do sofrimento do Messias, seu filho, Maria conhecerá também a dor. Dor que é mencionada como um grande so-

frimento, pois a palavra 'romphaia' indica uma espada de grandes dimensões, extremamente terrível. A dor oriunda dessa espada alcançará Maria no mais profundo de seu ser, transpassará sua alma de ponta a ponta. A imagem é muito dura e forte. Não se trata aqui de um superficial pesar sentimental, mas sim, na verdade, do sofrimento mais pungente que penetra até as profundezas do ser. Que sofrimento é esse?

A espada é a Palavra de Deus que julga e revela as profundezas do ser. E isto nos recorda a profecia de Simeão, que também fala desse juízo e da revelação dos pensamentos do coração realizados pelo Messias, sinal de contradição que ocasiona a queda ou a ressurreição dos homens. Cristo, Palavra viva e eficaz, será o revelador dos pensamentos profundos e efetuará, assim, o juízo dos homens que, por sua vez, cairão ou se levantarão. A espada da qual fala a passagem referente à Virgem Maria é essa Palavra viva e eficaz que revela a intimidade dos corações e os julga. A espada que vai transpassar sua alma é a Palavra, viva e eficaz em seu filho, que penetra até dividir a alma e o espírito, penetra até as articulações e a medula e discerne os pensamentos e intenções do coração (Hb 4,12)."

MAX THURIAN

Reflexão

Nos tempos de Jesus, não era fácil a vida na Palestina. Não era romântica nem idílica para ninguém e menos ainda para os pobres. E, para Maria, mais ainda se complicou a vida devido ao conflito que Jesus suscitou.

A vida, a palavra e a práxis de Jesus estão marcados no Evangelho por um intenso conflito. O anúncio do Reino, a denúncia que isso implicava e a práxis libertadora que Jesus leva adiante suscitam enfrentar em luta mortal os poderes sociais e religiosos. Jesus assume o conflito e segue em frente, fiel à sua missão.

Maria teve de sofrer por essa situação. Teve de ir evoluindo desde uma possível atitude inicial de estranheza ou de repulsa até a adesão total a seu Filho, incondicionalmente, contra todos os riscos. E sofreu a contradição até o final, em sua própria carne. Cumpriu-se a profecia de Simeão.

Exame

— Sofremos em nossa própria carne o conflito que Jesus sofreu? Se ninguém nos persegue, se ninguém, nos denuncia, qual a causa?

— Somos valentes para testemunhar a Verdade sem medo das conseqüências?

— Como reagimos perante as críticas que recebemos por sermos cristãos, por lutarmos pela causa de Jesus? Somos fiéis até o fim, como Maria?

— Somos para nós mesmos denúncia de tudo que de antievangélico há em nossa vida?

Conversão

* Manter a esperança e a constância nas lutas que devemos sustentar, apesar de todos os obstáculos e contradições.
* Vencer o respeito humano, o "Que será que vão dizer?...", o medo às críticas.
* Expressar nossa solidariedade para com os cristãos que atualmente estão sendo perseguidos por se comprometerem na luta pelo Reino, os perseguidos pela causa da justiça.

Invocação

Maria, mãe dolorosa, discípula de Jesus.
Ajuda-nos a aceitar a cruz do conflito proveniente do fato de segui-lo.

Oração

Deus nosso: a mãe de Jesus soube enfrentar o conflito que seu Filho suscitou, sem envergonhar-se, assumindo-o corajosamente. Aceitou ser a mãe do profeta perseguido, punido como um criminoso. Dai-nos sua coragem e seu valor.

Canto

10. MARIA, POBRE

Palavra de Deus

Lc 2,1-7: Não havia para eles lugar nem pousada.

Fl 2,5-8: Tende a atitude de Jesus Cristo, que assumiu a condição de escravo.

Texto antológico

"Comadre de subúrbio

A gruta não tinha mais higiene
que o vento da noite.
Deus teve uma vizinhança
de pobres amahares.
— Vallecas ou Belém, Belém ou Harlem,
Belém ou as favelas... —
Tu tinhas apenas as duas mãos
para alternar com elas o presépio.

As ricas caravanas
chegavam sempre em tempo.
Vós chegaríeis com as portas fechadas.
Não houve um teto em Belém;
nem houve um teto no Egito;
e não há um teto em Madri, para vós.

José estará sem trabalho muitos dias.
Depois, terá, por fim,
uns biscates de esperança em madeira.
(Talvez abrirá valas, sem abonos.)

Hebreus supostos num bairro
encurralado do Egito,
vivereis ao sabor da sorte,
como vivem as aves.

O Nilo gastará, dia após dia,
a pele e a beleza de tuas mãos anônimas,
sangue já decaído do rei Davi.
E o Menino crescerá sem outra escola
que a lição do sol e tua palavra.

Vizinha do pecado e da vergonha,
com o Verbo feito carne, que habita entre nós,
tu instalaste Deus no subúrbio humano..."

PEDRO CASALDÁLIGA

Reflexão

Impõe-se uma reflexão simples: Jesus e Maria foram pobres, e isto significa algo.

Vamos nos fixar explicitamente no fato de que Jesus e Maria foram pobres. Pertenciam à classe social dos pobres. Não foram ricos. Não estiveram entre os grupos dominantes, endinheirados, cultos, privilegiados, admirados e prestigiados. Nazaré não era mais que um miserável casario. José não era proprietário de terras nem tinha uma posição invejável na escala social. E a vida que levava a família de Jesus era uma vida de pobres.

Naquela sociedade, como em todas, a pobreza não era uma simples fatalidade inevitável. Havia também, então, estruturas econômicas que geram pessoas empobrecidas, a classe dos pobres.

Existem pessoas que dispensam esses dados. Em sua epiritualidade, subtraem Jesus e Maria de sua condição social concreta. Têm medo de tocar nesse assunto. Têm interesse em atribuir-lhes menos valor do que realmente tinham. Querem fazê-los insignificantes, não significativos.

Mas foi o próprio Deus quem os fez significativos em sua encarnação. Fê-los palavra de Deus. Em tudo isto, Deus nos fala. Não deixemos de analisar, estudar, escutar essa Palavra.

Exame

— Escamoteamos o tema da pobreza em nossa representação de Jesus, de Maria, em nossa espiritualidade, em nossa ética cristã?

— Que postura temos diante da pobreza? Ou não temos nenhuma postura reconhecida? Nós a confrontamos com o Evangelho?

— Somos dos que tornamos insignificante a pobreza que Deus escolheu para sua encarnação?

— Que nos diz a pobreza de Jesus e de Maria diante de nosso nível de vida?

— Que postura, mentalidade ou ideologia se esconde por detrás de nossas visões da pobreza?

Conversão

* Valorizar a pobreza.
* Abrir os olhos criticamente ao tema da pobreza, suas causas, suas estruturas.
* Escutar o que nos diz Deus na pobreza de Jesus e de Maria.
* Escutar o grito de Deus nas maiorias empobrecidas de nosso planeta.

Invocação

Mãe de Jesus, pobre entre os pobres.
Faz-nos seguir a Jesus pobre.

Oração

Pai: vosso filho se fez homem não de um modo abstrato, mas sim concretamente na pobreza e na classe dos pobres; e Maria foi quem lhe ofereceu essa possibilidade. Fazei com que, ao seguirmos Jesus, não ocultemos essa palavra maior que ele nos dirige a partir do mistério de sua encarnação.

Canto

11. MARIA E JOSÉ PROCURARAM REFÚGIO

Palavra de Deus

Mt 2,13-18: Herodes buscará o menino para matá-lo.

Texto antológico

"Como se manifestará na vida de Maria a espada anunciada por Simeão? Depois da apresentação no templo, onde a consagração do primogênito e o sacrifício do holocausto tiveram o sentido indicado por Simeão — excelente ação de graças e de desprendimento pessoal para permitir que se cumpra a missão do servo sofredor —, Maria e José não tardaram em sentir a impressão, em sua vida, dos estigmas do sofrimento. À visita dos Magos, que lhes revela de novo a universalidade da missão messiânica de Jesus, segue-se a fuga para o Egito para se furtarem à perseguição de Herodes. Até a morte do rei viveram como refugiados em terra estrangeira. E então tem lugar a matança dos inocentes, que garantiram com seu martírio a vida do Messias criança. Maria deve padecer a dor do desterro e, ademais, a dor de todas as mães da Judéia, que por ela sofrem a cruel morte de seus filhinhos. Repete-se a noite da Páscoa: Jesus, o primogênito, está a salvo, quando os demais meninos de sua idade são assassinados; sim, é o sinal por excelência da libertação, mas o preço é tal que Maria ficou duramente impressionada por esse drama, do qual se livra convertendo-se numa desterrada, numa refugiada.

Quando de seu regresso irão a Nazaré para se esconder nessa Galiléia dos estrangeiros, onde outrora Ma-

ria recebera as promessas do anjo. Podemos imaginar que essa vida oculta nem sempre estará isenta de temor, pois Maria e José sabem que seu filho, o Messias, há de suscitar a oposição dos poderosos deste mundo a qualquer coisa que manifeste seu reinado messiânico."

MAX THURIAN

Reflexão

A família de Jesus não foi exatamente uma família bem posicionada, de elevada categoria, sem contratempos, de alta estirpe, com uma vida sem sobressaltos. A gruta de Belém. O exílio no Egito.

O próprio Jesus em sua vida adulta teve de se esconder, evitar aparições em público em determinadas épocas, esconder-se dos que sabia que o perseguiam, acolher o ocultamento protetor dos amigos...

Os egoísmos humanos, a perseguição da verdade, a imposição dos dominadores, a carestia da vida... provocaram, ao longo da história da humanidade, um interminável desfile de exílios, deportações, perseguições ideológicas, campos de refugiados, colônias de emigrantes etc.

Maria, José, Jesus não foram estranhos a tudo isso. E hoje, num mundo com tantos milhões de refugiados, exilados, perseguidos, emigrantes forçados... não podemos deixar de pensar nisso. Porque também nessas pessoas Jesus, hoje, continua sendo emigrante, refugiando-se, exilando-se...

Exame

— Que nos diz a situação de nosso mundo, com milhões de pessoas exiladas, deportadas, emigradas?

— Atuamos como pessoas sensíveis e solidárias a todas estas dores humanas?

— Somos, de alguma maneira, em nossa pequena medida, provocadores de exílio e de fuga para os demais?

Conversão

* Apoiar iniciativas de solidariedade oportunas.
* Tratar de ampliar uma mentalidade de tolerância, de luta pela justiça, de defesa dos direitos humanos...
* Fazer algo para acolher os marginalizados, para dar espaço e integração aos que a sociedade repele.
* Lutar contra a intransigência, a intolerância e as perseguições contra a Igreja e na própria Igreja.

Invocação

Maria, mulher e mãe perseguida.
Faz-nos solidários com todos os perseguidos.

Oração

Pai: Jesus, vosso filho, fez-se inteiramente um de nós. Compartilhou de nossas angústias e sofrimentos, exceto o pecado. Ajudai-nos a compartilhar nós também da dor de nossos irmãos, para vencê-la e superá-la, para conseguirmos um mundo de solidariedade e fraternidade, tornando assim eficaz a salvação que Jesus nos trouxe.

Canto

12. MARIA DO POVO

Palavra de Deus

Fl 2,5-11: Esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de escravo e fazendo-se semelhante aos homens.

Jo 2,1-12: Houve uma boda em Caná da Galiléia, e a mãe de Jesus estava lá.

Lc 1,16-38: Deus enviou Gabriel a um povoado da Galiléia chamado Nazaré.

Mt 25,31-46: Jesus se identifica com os mais pobres.

Lc 4,16-30: Dar a Boa Nova aos pobres, missão de Jesus.

Lc 7,18-23: Dar a Boa Nova aos pobres, sinal messiânico.

Texto antológico

"Que significava para Maria ser do povo de Deus? Significava ser do povo pobre e viver seus problemas.

Maria era do povo pobre não como quem desce de um elevado trono para dar uma ajudazinha ou uma esmola aos pobres coitados que estão por baixo. Era do povo porque vivia a mesma vida de todos. Não era rica nem poderosa (cf. Lc 1,52-53), mas sim, pobre; casada com um homem pobre, José, emigrante ou filho de emigrantes. Tinha um filho pobre, Jesus, que carecia até de um lugar onde pudesse reclinar a cabeça (cf. Lc 9,58). Para pobres como eles não havia lugar nas pousadas e só dispunham dos abrigos para os animais, as grutas e choças (cf. Lc 2,7).

Mas há pobres que, a despeito de o serem, estão do lado dos ricos e dos poderosos, desprezando seus companheiros. Maria não era assim. Seu cântico em

casa de Isabel bem mostra de que lado quis ficar: do lado dos humildes (Lc 1,52), dos que passam fome (Lc 1,53), dos que temem a Deus (Lc 1,50). Além disso, desligou-se claramente dos orgulhosos (Lc 1,51), dos poderosos (Lc 1,52) e dos ricos (Lc 1,53). Para Maria, ser do povo de Deus significava viver uma vida pobre e assumir a causa dos pobres, que é a causa da justiça e da libertação.

Essas coisas podem chocar os ricos e os poderosos, que gostam de ir atrás dos andores de Nossa Senhora, levados pelo povo humilde. Mas esta é a verdade. Se alguém não crer nisso, dê uma olhada no cântico de Maria (Lc 1,46-55).

Por fim, Maria era do povo porque levava em si mesma a esperança de todos, a mesma fé e o mesmo amor. Todo o passado, desde Abraão, corria por seu sangue e a impelia a agir (cf. Lc 1,54-55)."

CARLOS MESTERS

"E o Verbo se fez classe
No ventre de Maria
Deus se fez homem.
Mas na oficina de José,
Deus também se fez classe."

PEDRO CASALDÁLIGA

Reflexão

Que Jesus, Maria e José pertenceram historicamente à classe social dos pobres na Palestina é algo sabido e comprovado. A Palavra de Deus se fez carne e se fez pobreza. Desde então, a carne e a pobreza são veículos portadores da mensagem de Deus.

Deus não colocou em Jesus uma atitude simplesmente preferencial, benéfica, assistencial ou paternalista para com os pobres. Deus se fez pobre. Encarnou-se em seu mundo. Não é qualquer forma de relacionamento com os pobres que é cristã.

Maria participou da vida do povo. Quer dizer: desapegou-se claramente dos interesses dos ricos e dos

orgulhosos, soube entrever contemplativamente a ação de Deus em favor dos pobres nos feitos da vida diária, assumiu a causa dos pobres, que é a causa da justiça e da libertação; gritou entusiasmada, reclamando a libertação dos pobres.

Essa atitude de Maria, e mais ainda a de Jesus, escandalizaram ricos e poderosos, e os pensadores e religiosos do tempo, que tinham como que "seqüestrado" Deus a seu favor. Daí surgiu a cruz que fizeram Jesus carregar. Tudo isso continua acontecendo hoje em dia, sempre que o cristão segue os passos de Jesus e de Maria na opção pelo povo, pelos pobres, as maiorias pobres e oprimidas de nosso planeta.

Exame

— Temos uma idéia tão-somente espiritual acerca da pobreza e do povo de Deus?

— Ainda adotamos, consciente ou inconscientemente, atitudes paternalistas?

— Qual é nosso lugar social, a partir do qual interpretamos a realidade? A partir de que interesse interpretamos o Evangelho?

— Podemos dizer, honradamente, que nos sentimos companheiros da esperança dos pobres da Terra que lutam pela libertação?

— Temos medo da cruz, do que dirão, dos escândalos dos pensadores de nosso tempo perante o decidido compromisso a favor dos pobres?

— A favor de quem está o peso social de minha vida, de minha pessoa, de meu trabalho, de minha posição, de minha influência social?

Conversão

* Assumir a opção preferencial pelos pobres.
* Definirmo-nos ideológica e vivencialmente sempre do lado dos mais pobres.

Invocação

Santa Maria, mulher do povo dos pobres.
Dá-nos um coração de pobres para lutarmos com a esperança dos pobres.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Jesus nos mostrastes o caminho que temos de seguir para chegarmos até vós: caminho de pobreza, de despojamento e de encarnação no povo. Fazei com que, como Maria, também nós sigamos fiel e valorosamente esse caminho de Jesus.

Canto

MARIA,
MODELO DOS QUE CUMPREM
A PALAVRA

13. PROFETIZA DOS POBRES

Palavra de Deus

Lc 1,46-53: Destronou os poderosos e ergueu os humilhados.

Lc 6,20-26: Bem-aventuranças e mal-aventuranças.

Mt 11,25-26: Eu te dou graças, ó Pai, porque revelaste estas coisas aos pequeninos.

Texto antológico

"Maria, mulher liberta — por não estar alienada por varão algum nem por qualquer tipo de pressão de qualquer sistema, nem erótico, nem pedagógico, nem político —, pela libertação põe em jogo tudo o que possui: 'Depôs poderosos de seus tronos, e a humildes exaltou; cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias' (Lc 1,52-53). Em seu sentido etimológico estrito, 'pôr abaixo o que está em cima' dizia-se em latim *subvertere:* 'subverter'. Nestas frases do *Magnificat*, Maria se mostra mestra na subversão, mestra na crítica profética, definindo de antemão a função de seu Filho, da Igreja e a vocação cristã até a parusia.

Dessa Virgem libertadora se apropriaram, não obstante, sistemas políticos, pedagógicos e eróticos que a querem identificar com o pecado, com a opressão, para transformá-la em 'Mãe da resignação'. Nada mais distante da postura de Maria de Nazaré, a mãe do crucificado por 'amotinar o povo'!".

E. Dussel

"O *Magnificat* é o espelho da alma de Maria. Nesse poema, a espiritualidade dos pobres de Iavé chega ao seu pináculo e, bem assim, o profetismo da Antiga Ali-

ança. É o cântico que anuncia o novo Evangelho de Cristo, é o prelúdio do Sermão da Montanha. Nele Maria se manifesta despojada de si mesma e pondo toda a sua confiança na misericórdia do Pai. No *Magnificat* se manifesta como modelo para aqueles que não aceitam passivamente as circunstâncias adversas da vida pessoal e social, nem são vítimas da 'alienação', como hoje se diz, mas que com Maria proclamam que Deus é o 'vingador dos humildes' e, se for o caso, 'depõe os poderosos do trono'."

JOÃO PAULO II

Reflexão

Antes de mais nada, Jesus foi considerado pelo povo como um profeta. Tomou como origem de sua mensagem as palavras dos profetas e foi o novo e definitivo profeta.

Como tal, anunciou o Reino de Deus e denunciou tudo que se opõe ao reinado de Deus. Não foi neutro, evasivo ou não-comprometido. Sempre se definiu claramente a favor da justiça, da igualdade, dos pobres. E por isso o mataram.

Posteriormente, o cristianismo caiu em mãos do pensamento platônico e idealista, e dele se fez uma leitura só espiritualista, perdendo toda referência aos dados concretos do Jesus histórico. A fome e a sede de justiça traduziram-se por fome e sede de santidade. Os pobres do Evangelho foram interpretados tão-somente como humildes e desprendidos de coração etc.

Hoje, quando a Igreja quer recuperar a densidade profética e comprometida do Jesus do Evangelho, alguns cristãos se apegam a uma leitura espiritualista, mais cômoda e evasiva e proferem acusações, assustados com fantasmas alheios ao Evangelho.

Mas, antes de qualquer outra consideração, nós, discípulos de Jesus, devemos voltar ao Evangelho e descubrir e recuperar sua opção profética e sua opção pelos pobres. Maria o fez, antecipadamente, em seu canto libertador. Nós não podemos nos esquivar à lição.

Exame

— Temos medo de nos comprometermos com a justiça, com a igualdade, com a superação das classes sociais? Dizemos, para nos justificarmos, que isso nada tem a ver com o Evangelho? Inconscientemente, chegamos a pensar ou a dizer que Deus fica indiferente perante a injustiça, a desigualdade ou a exploração do homem pelo homem?

— Como entendemos as palavras de Maria em seu *Magnificat:* de uma forma só "espiritual"? Que significado concreto lhe damos?

— Somos partidários da "subversão" de que fala Maria em seu canto, ou pensamos que hoje já não tem sentido?

— Em que fatos se pode ver concretamente que participamos da função profética de Cristo, e que hoje também nós estamos profeticamente definidos a favor da justiça e do amor?

Conversão

* Tratar de estudar (em grupo ou individualmente) as ineludíveis exigências de justiça que brotam do fato de seguirmos a Jesus.

* Corrigir nossa atitude naquelas situações ou circunstâncias nas quais não estamos sendo verdadeiras testemunhas do profeta Jesus.

* Tomar decisões concretas para analisar a influência que nossa situação econômica exerce em nossa forma de pensar relativamente à pobreza e aos pobres.

* Tratar de eliminar de nossa cabeça as críticas fáceis que fazemos, na Igreja, aos que se comprometem radicalmente com a justiça.

Invocação

Maria, mãe de Jesus, profetiza dos pobres.
Faz com que se cumpra hoje, de novo, tua profecia.

Oração

Pai: vós não sois neutro nem podeis presenciar impassível a injustiça do mundo, as lutas fratricidas de vossos filhos. Por isso nos manifestastes em Jesus vosso projeto de justiça, amor, fraternidade, o Reino de Deus, e quereis que demos a vida por essa causa, como a deram Jesus e Maria, sua mãe. Dai a vossa Igreja o sentido profético de Maria, seu compromisso claro e decidido pelos pobres na esperança do Reino.

Canto

14. MODELO DA IGREJA

Palavra de Deus

At 1,12-14: Maria orando com a primeira comunidade cristã.

Texto antológico

"A Virgem Santíssima, pelo dom da maternidade divina e por suas singulares graças, está intimamente unida à Igreja. Como já ensinou Santo Ambrósio, a mãe de Deus é modelo da Igreja na ordem da fé, do amor e da união perfeita com Cristo" (LG 63).

"A Mãe de Jesus, já glorificada no céu em corpo e alma, é imagem e primícia da Igreja, que há de atingir a sua perfeição no século futuro, assim também já agora na terra, enquanto não chega o dia do Senhor, ela brilha, como sinal de esperança segura e de consolação, aos olhos do povo de Deus peregrino" (LG 68).

Reflexão

O Concílio Vaticano II optou, depois de debater o assunto, por colocar o texto sobre Maria como capítulo oitavo e último da constituição dogmática sobre a Igreja. A outra opção seria colocá-lo como documento à parte, independente.

Duas mariologias diferentes entraram no debate conciliar. Uma que se poderia denominar de "cristotípica", que elaborava a reflexão mariana a partir do modelo de Cristo redentor, e outra que partia do modelo da Igreja, "eclesiotípica". O Concílio se inclinou por esta última, mais conforme ao Evangelho.

Diante de nós, Maria é a linha da Igreja. É uma crente, a primeira crente, modelo dos crentes. E é tipo,

modelo, maqueta do que deve ser a Igreja. Paulo VI, em seu *Marialis cultus*, nos números 16 e seguintes, desenvolve as facetas dessa exemplaridade de Maria com relação à Igreja. E a *Lumen gentium* desenvolve seu caráter de "modelo" da Igreja.

Exame

— Que atitudes, exemplos de Maria, devemos imitar na vida de nossa comunidade cristã?

— E em nossa vida pessoal?

— É relevante para mim a orientação eclesiológica que o Concílio deseja imprimir à espiritualidade mariana?

Conversão

* Tomar decisões para configurar nossa vida cristã pessoal e comunitária conforme o tipo de Maria.
* Rever nosso compromisso pessoal dentro da comunidade cristã.
* Sentirmo-nos membros construtores da Igreja.

Invocação

Maria, mãe da Igreja.
Faze-nos fiéis discípulos de Jesus.

Oração

Deus, nosso Pai, que na mãe de Jesus nos mostrastes o exemplo, o modelo do que deve ser a Igreja como fiel discípula de Jesus. Dai às comunidades cristãs sua fé e esperança, para que comprometam-se com seu próprio amor eficaz.

Canto

15. A MÃE DE JESUS

Palavra de Deus

Gl 4,1-7: Jesus, nascido de uma mulher.

Lc 2,1-7: Deu à luz o seu filho.

Lc 2,51-52: Jesus vivia com eles e lhes era submisso.

Texto antológico

"Maria foi a mãe de Jesus. Isso significa que Jesus, enquanto homem, foi criado por Maria e por José. Isto é, indiscutivelmente, um grande mistério e muito difícil de a mente humana entender. Não obstante, temos de afirmar o dogma de que Cristo foi verdadeiro ser humano, e que — como tal — teve de ser criado e educado (no sentido mais estrito da palavra) por sua mãe. As qualidades humanas e o caráter de Jesus se formaram e foram influenciadas pelas virtudes de sua mãe. E quando a Escritura nos diz que Jesus passou pela terra de Israel, fazendo o bem ao seu redor, e nós nos damos conta de que essa bondade humana foi o amor de Deus traduzido em expressões humanas, temos de reconhecer — além disso — que Maria teve também sua participação maternal na interpretação cristã desse amor de Deus. É uma experiência humana geral a de que os traços da mãe se reconhecem no filho. E isso ocorreu também no caso de Maria e de Jesus. Foi uma tarefa contínua, que levava consigo a formação humana do rapazinho que ia crescendo da infância para a adolescência e da adolescência para a condição de adulto. A maneira concreta com que isso foi se efetuando é algo que permanece oculto aos nossos olhos.

Cristo e somente Cristo — e Deus em sua humanidade — foram responsáveis por tudo. Mas, na Sagrada Família, Maria chegou a ser a parte maternal, com o resultado de que tudo que ocorreu na família foi afetado pela qualidade maternal de Maria. Considerando as coisas sob essa luz, podemos afirmar que Maria foi responsável também por tudo, como mãe que era do Redentor e da redenção. A redenção de Cristo nos foi oferecida por Cristo em sua Igreja saturada, digamos assim, dessa qualidade maternal. Assim, pois, todo o ser de Maria, toda sua atividade redundavam nisso: como mãe, ela estava constantemente convertendo em expressões maternais tudo o que Cristo pensava, desejava, sentia e fazia com respeito à nossa salvação. Esse processo de conversão ainda continua, sem dúvida alguma! Maria é a tradução e expressão eficaz — em termos maternais — da misericórdia, graça e amor redentor de Deus, que se nos manifestaram (de forma visível e tangível) na pessoa de Cristo, nosso Redentor. Maria extraiu seu poder maternal do fato de estar tão perto de Cristo, que era seu próprio Filho, seu Redentor e Redentor nosso, e do qual emanava poder. Isso não difere, nem um pouco, da atividade normal de Cristo. Mas, no caso de Maria, continha um elemento único e insubstituível, já que implicava sua participação (de Maria) como mãe dele (de Jesus)".

E. SCHILLEBEECKX

Reflexão

O mistério da encarnação não foi uma simples aparência externa. Deus se fez verdadeiramente homem, assumiu plenamente a humanidade. Entrou na história humana através de Maria, sua mãe, e viveu plenamente essa mesma história, como processo, como evolução, amadurecimento, história verdadeiramente humana; enfim, desvalida como as demais e, como todas, sujeita aos cuidados e atenções dos outros.

Maria, a mãe de Jesus, teve nisso um papel singular. Ela foi verdadeiramente mãe de Jesus, com todo o papel que corresponde a uma mãe na educação e configuração da personalidade amadurecida do filho. A maternidade de Maria não foi simplesmente biológica. Maria foi, de alguma maneira, o instrumento que Deus tomou para ajudar a configurar, a delinear a própria Palavra que queria pronunciar em Jesus.

Exame

— Sentimos Maria como alguém verdadeiramente próximo de Jesus?

— Valorizamos o lugar de Maria na vida de Jesus?

— Valorizamos o lugar da mulher na história da salvação?

— Nós, mães de família, temos consciência da influência capital da educação na vida futura dos filhos?

Conversão

* Tomar decisões para sentirmos Maria verdadeiramente próxima de nós.
* Apoiar os pais na tarefa de educação dos filhos.
* Criar um ambiente sadio para a educação dos filhos e jovens.

Invocação

Mãe de Jesus.
Roga por nós.

Oração

Deus, nosso Pai, que quisestes que vosso Filho, pelo mistério da encarnação, assumisse carne no seio de Maria e se fizesse inteiramente homem, obedecendo

submissamente às leis do desenvolvimento humano. Fazei com que nós, pelo exemplo de Maria e de Jesus, sejamos também inteiramente humanos, filhos vossos e bons irmãos.

Canto

16. FELIZ POR TER PRATICADO A PALAVRA

Palavra de Deus

Lc 11,27-28: Antes, felizes os que põem em prática a palavra de Deus.

Mt 7,21-27: Não é todo aquele que diz "Senhor, Senhor"...

Mt 21,28-32: Qual dos dois fez a vontade do Pai?

Mc 3,31-35; Lc 8,19-21; Mt 12,46-50: Verdadeiro parentesco com Jesus.

Texto antológico

"Aquele que fizer a vontade de meu Pai, que me enviou, este é meu irmão e minha irmã e minha mãe. Porventura não fez a vontade do Pai a Virgem Maria, a qual creu pela fé, concebeu pela fé e foi escolhida para que dela nascesse entre os homens nossa salvação e foi criada por Cristo antes que Cristo dela nascesse? Sim, Santa Maria cumpriu perfeitamente a vontade do Pai, pela qual mais importante é para Maria ter sido discípula de Cristo que ter sido mãe de Cristo. Mais mérito e maior ventura é ter sido discípula de Cristo que ter sido mãe de Cristo. Maria era ditosa, porque antes de levar a Cristo em seu seio, já levava o Mestre em seu espírito. Considerem se não é verdade o que digo. Passando o Senhor, seguido pelas multidões e fazendo milagres, uma mulher exclama: Bem-aventurado o ventre que te levou. E o Senhor, para que a ventura não se pusesse na carne, que respondeu? Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática. Maria é bem-aventurada porque escutou a pa-

lavra de Deus e a pôs em prática, porque guardou com mais cuidado a verdade em seu espírito que a carne em seu seio. Verdade é Cristo, carne é Cristo: verdade, na mente de Maria, carne, no ventre de Maria. E mais vale o que se leva na mente que o que se leva no ventre."

SANTO AGOSTINHO

Reflexão

Em nosso mundo de pecado, o que mais se valoriza é o externo, o visível, as aparências, os títulos, as honras, as admirações, o que dirão. E tendemos a nos deixar levar por isso e a projetá-lo em todos os outros planos.

Isso acontecia também no tempo de Jesus. E ele corrigiu isto, inclusive quando se referiu à sua mãe.

Assim, deixou bem claro que em Maria o mais importante não é algo somente admirável (ser mãe de Deus, ser virgem, ser imaculada...), mas algo que pode ser imitado: ter escutado a palavra de Deus e tê-la posto em prática. O mais importante em Maria é, pois, algo igualmente acessível a todos.

Exame

— Com referência à mãe de Jesus, fixamo-nos mais no admirável que no que pode ser imitado?

— Somos dos que louvam muito Maria, mas não a imitam?

— De quanto em quanto tempo escutamos ou lemos a Bíblia?

— Nossa religiosidade popular, em geral, é incoerente com nossa vida?

— Podemos dizer que nossa vida é um colocar em prática a palavra de Deus?

— Na vida diária, deixamo-nos levar pelas aparências, honras, títulos... mais que por aquilo que as pessoas são em seu coração perante Deus?

Conversão

* Tomar decisões para escutar com mais assiduidade a palavra de Deus e para conseguir pô-la em prática com mais veracidade.
* Purificar nossa devoção mariana na linha do que Jesus nos diz.
* Purificar a aparência de nossa fé, para nos afastarmos das aparências, títulos, honras... valorizados neste mundo.

Invocação

Maria, mulher crente e cumpridora da palavra de Deus.
Ensina-nos a escutá-la e a cumpri-la como tu.

Oração

Deus, nosso Pai, que na mãe de vosso Filho nos destes um exemplo de bem-aventurança cristã, de crente fiel, que escutou a palavra de Deus e a pôs em prática. Educai nossos olhos e fortalecei nossa vontade para que saibamos pôr nosso coração na verdadeira bem-aventurança, tal como nos disse Jesus, vosso Filho.

Canto

17. MÃE DE CORAÇÃO RESPONSÁVEL

Palavra de Deus

Lc 2,51-52: Maria considerava todas estas coisas, meditando sobre elas em seu coração.

Lc 22,39-46: Orai para não cairdes em tentação.

Texto antológico

"A leitura da Sagrada Escritura, feita sob influência do Espírito Santo e tendo presentes as aquisições das ciências humanas e as várias situações do mundo contemporâneo, levará a descobrir que Maria pode bem ser tomada como modelo naquilo por que anelam os homens do nosso tempo. Desse modo, para dar alguns exemplos: a mulher contemporânea, desejosa de participar com poder de decisão nas opções da comunidade, contemplará Maria com íntima alegria, pois ela, posta em diálogo com Deus, deu seu consentimento ativo e responsável, não para a solução de um problema contingente, mas sim da 'obra dos séculos', como se chamou, com justiça, a Encarnação do Verbo; se dará conta de que a opção pelo estado virginal, da parte de Maria, que no desígnio de Deus a dispunha ao mistério da Encarnação, não foi um ato de se fechar a alguns dos valores do estado matrimonial, mas constitui uma opção corajosa, levada a cabo para se consagrar totalmente ao amor de Deus; comprovará, com grata surpresa, que Maria de Nazaré, ainda que tendo se abandonado à vontade do Senhor, foi algo completamente distinto de uma mulher passivamente submissa ou de religiosidade alienante; bem pelo contrário, foi uma mulher que não duvidou de proclamar que Deus é o vingador dos humildes e dos oprimidos e que derruba

de seu trono os poderosos do mundo (cf. Lc 1,51-53); reconhecerá em Maria, que 'se destaca entre os humildes e os pobres do Senhor', uma mulher forte que conheceu a pobreza e o sofrimento, a fuga e o exílio (cf. Mt 2,13-23): situações todas que não podem escapar à atenção de quem quiser secundar, com espírito evangélico, as energias libertadoras do homem e da sociedade; e Maria não se apresentará a esta mesma mulher moderna como uma mãe ciosamente escorada sobre seu próprio Filho divino, mas sim como a mulher que com sua ação favoreceu a fé da comunidade apostólica em Cristo (cf. Jo 2,1-2) e cuja função maternal se dilatou, assumindo no Calvário dimensões universais. São exemplos. Não obstante, em todos eles parece claro que a figura da Virgem não frustra nenhuma esperança profunda dos homens de nosso tempo e lhes oferece o modelo perfeito do discípulo do Senhor: artífice da cidade terrena e temporal, mas diligente peregrino em busca da cidade celeste e eterna; promotor da justiça que liberta o oprimido e da caridade que socorre o necessitado, mas, acima de tudo, testemunho ativo do amor que constrói Cristo nos corações."

PAULO VI, Marialis cultus

Reflexão

Maria viveu com Jesus em Nazaré, fazendo companhia a Deus como dona-de-casa responsável, mãe viúva numa sociedade machista. Era um papel difícil. Mas "respondeu" bem à tarefa que se lhe havia proposto. A proximidade de Jesus não lhe serviu de escusa para se evadir; antes, serviu para mergulhá-la mais e mais nas responsabilidades diárias.

E, em seu coração, diz-nos o Evangelho, contemplava todas as coisas vistas relativas ao crescimento de Jesus, à luz da aproximação do Reino, misturando todas as coisas contemplativamente em seu coração.

Sua contemplação não foi idealista, alienada, fora da história. Meditava "todas essas coisas", quer dizer,

a vida diária, os acontecimentos, as ações de Deus ocultas na trama obscura da vida cotidiana, as quais são — para quem quer ver — verdadeiras façanhas de Deus a favor de seu povo na história.

A oração, a contemplação de Maria era uma oração pessoal, a partir da profundidade pessoal, a partir do coração. E era, também, uma oração "pelo Reino", suspirando e desejando seu advento, discernindo laboriosamente as evidências de sua chegada na simplicidade de cada dia.

Exame

— "Respondemos" a Deus? Somos responsáveis perante ele?

— Rezamos, contemplamos, "meditamos essas coisas em nosso coração"?

— Como Maria, rezamos a partir da história real, ou a oração serve para nos evadirmos da história?

— Anelamos, suspiramos pelo Reino de Deus?

— Nossa oração é uma oração pelo Reino?

Conversão

* Dedicar mais tempo à nossa oração pessoal, se o tempo que lhe dedicamos não é suficiente.
* Rever nossa oração. Torná-la mais encarnada e mais contemplativa, mais a partir da história e mais na perspectiva do Reino.
* Converter em oração nossas ações e preocupações humanas, sociais, políticas, materiais... pelo Reino e verificar nossa oração em compromissos concretos.

Invocação

Mãe de Jesus, mãe de coração responsável.
Faze nosso coração semelhante ao teu.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria nos destes um exemplo de coração contemplativo e responsável, de grande profundidade pessoal, amplo no compromisso com a história. Fazei nosso coração semelhante ao dela: grande e forte para amar, agradecido ao contemplar, encarnado para lutar.

Canto

MARIA,
MÃE DE CORAÇÃO
RESPONSÁVEL

18. FLOR DO REINO DE DEUS

Palavra de Deus

Is 11,1-9: A utopia do Reino. O lobo viverá com o cordeiro.

Lc 10,3-9: Dizei-lhes: "O Reino de Deus está próximo de vós".

Texto antológico

"Cristo não começou pregando a si mesmo, mas sim o Reino de Deus. O que significa o Reino de Deus, o qual, indiscutivelmente, constitui o centro de sua mensagem? Para os que ouviam Jesus, significava algo muito distinto do que significa para os ouvidos do crente moderno, para quem o Reino de Deus é a outra vida, o céu, o que há depois da morte. O Reino de Deus — que aparece cento e vinte e duas vezes nos Evangelhos, e, entre elas, noventa vezes nos lábios de Jesus — significava para os que ouviam Jesus a concretização de uma esperança, no fim do mundo, de superação de todas as alienações humanas, de destruição de todo o mal físico e moral, do pecado, do ódio, da divisão, da dor e da morte. O Reino de Deus seria a manifestação da soberania e do domínio de Deus sobre este mundo sinistro, dominado pelas forças satânicas em luta contra as forças do bem; termo mediante o qual se quer expressar que Deus é o sentido último deste mundo, que ele não tardará em intervir para sanar toda a criação em seus fundamentos, instaurando o novo céu e a nova terra. Esta utopia, que constitui o sonho de todos os povos, é objeto da pregação de Jesus, que promete que já não mais será utopia, mas sim uma realidade que haverá

de ser introduzida por Deus. Por isso, ao pregar pela primeira vez nas sinagogas da Galiléia e ler a passagem de Isaías 61,1ss ('O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu. Enviou-me a anunciar aos pobres a Boa Nova, a proclamar a libertação dos cativos e a visão para os cegos, para dar liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor'), disse: 'Esta palavra da Escritura que acabais de ouvir, hoje se cumpriu' (Lc 4,18-19.21)."

LEONARDO BOFF

Reflexão

Há anos, em nossa formação cristã, pouco se falava do Reino de Deus. Mais o chamavam de Reino dos céus, e isso fazia com que o confundíssemos com o céu, e nada mais.

A cristologia bíblica nos redescobre o Reino de Deus como tema maior de Jesus. O dado historicamente mais certo que temos de Jesus é que sua pregação e sua vida toda giraram em torno desse anúncio: o Reino de Deus está próximo.

Jesus foi verdadeiramente um homem com um ideal, com uma causa: o Reino de Deus. Esta foi a causa com a qual sonhou, a qual pregou obsessivamente, pela qual se arriscou, pela qual o perseguiram, o capturaram, o condenaram e o executaram.

O Reino de Deus é a transfiguração, a transformação deste mundo introduzido plenamente na ordem da vontade de Deus. Não é outro mundo, mas sim este mesmo, totalmente transformado, habitado por Deus como Senhor e Pai, e trasladado definitivamente para além do tempo...

Redescoberto o Reino como o centro da vida, da palavra e dos feitos de Jesus, tudo há que ser redimensionado a partir dessa perspectiva do Reino. Ser cristão consistirá em viver e lutar pela causa de Jesus.

A glória de Maria também brilha com nova luz dentro dessa perspectiva: ela é como uma realização ante-

cipada, uma concentração do Reino em resumida síntese, uma festa para os olhos da fé, uma flor do Reino de Deus. Flor fecunda que nos trará em seu seio o anunciador e realizador definitivo do Reino.

Exame

— Temos feito nós mesmos a redescoberta cristológica da perspectiva do Reino de Deus? Nós o temos estudado suficientemente? Temos meditado nele devidamente? Preferimos permanecer ancorados na espiritualidade em que fomos educados?

— Vivemos e lutamos pelo Reino de Deus?

— O advento do Reino é o centro de nossas ilusões e esforços? Em nosso coração, nós o desejamos fervorosamente?

— Nossa luta pessoal e a de nossa comunidade cristã estão caracterizadas pela luta pelo Reino?

Conversão

* Tomar medidas oportunas para que os pequenos círculos nos quais nos movemos, naquilo que de nós depender, assumam a configuração do projeto de Deus, seu Reino.
* Ler o Evangelho e meditar sobre as palavras e os feitos de Jesus sobre o Reino de Deus.
* Tratar de colaborar, com espírito amplo e ecumênico, com todos os grupos, movimentos e iniciativas que lutam por um mundo melhor, mais justo e mais pacífico, mais próximo do Reino.

Invocação

Maria, mãe de Jesus, fiel discípula do Senhor.
Ajuda-nos a viver e a lutar por seu Reino.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria, mãe de Jesus, nos fizestes florescer antecipadamente uma amostra de qual é vossa vontade para com o mundo e sobre a história — o Reino! Fazei com que, animados e iluminados pela beleza dessa flor, nós também demos frutos do Reino.

Canto

MARIA,
FLOR DO REINO DE DEUS

19. CHEIA DE GRAÇA

Palavra de Deus

Lc 1,26-38: Alegra-te, cheia de graça.

Mt 5,43-47: Sede perfeitos como vosso Pai é perfeito.

Texto antológico

"Eis como é possível sintetizar a vida religiosa de Maria. A revelação é mais que uma simples comunicação de uma verdade ou de um conhecimento. Ela é, ao mesmo tempo, um acontecimento salvífico que tem de ser considerado constantemente com amor e que deve ser experimentado ativamente na fé e por meio da fé, de sorte que possamos penetrar no mistério dessa revelação, que irá se desdobrando gradualmente, ainda que sempre permaneça velada. Maria nos proporciona aqui um sublime exemplo. Ela é o protótipo, o primeiríssimo exemplo de uma vida cristã de fé, verdadeiramente sacramental. Maria esteve profundamente envolvida e plenamente implicada nos acontecimentos visíveis da vida humana de Cristo no mundo. Precisamente por isso Maria se levantou para aceitar — com fé — o divino mistério que se havia feito visível, e certamente público, no 'sinal sacramental' externo da humanidade de Cristo, e se deixou embeber do vigor que sobre ela derramava a graça dessa humanidade de Cristo. Sua fé vigorosa e sua confiança capacitaram-na a atravessar o 'véu' humano de Cristo e a penetrar no mundo divino. O mistério da vida religiosa e da fé de Maria nós o temos de buscar em sua fé, esperança e amor. A Escritura nos apresenta poucos fatos concernentes à vida de Maria. E só de vez em quando

nos oferece alguns vislumbres da luz que ilumina a imagem concreta de sua fé em seu gradual crescimento até a vitória final: a imagem de sua vida sacramental. Pois bem, o que de fato conhecemos é mais que suficiente para que possamos dar a Maria o título de 'Rainha dos confessores'."

E. SCHILLEBEECKX

Reflexão

Algumas das imperativas afirmações que o capítulo quinto da *Lumen gentium* do Concílio Vaticano II nos faz podem nos servir para reflexão. O capítulo trata da "chamada universal à santidade na Igreja".

"Na Igreja, todos são chamados à santidade. Essa santidade se manifesta e deve manifestar-se sem cessar nos frutos da graça que o Espírito produz naqueles que crêem" (LG 39).

"Jesus pregou a todos e a cada um de seus discípulos, fosse qual fosse sua condição, a santidade da vida da qual ele é o iniciador e o consumador. Os seguidores de Cristo pelo Batismo foram tornados verdadeiros filhos de Deus e partícipes da divina natureza, e por isso mesmo realmente santos. Todos os fiéis, de qualquer estado e condição, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição do amor. Essa santidade suscita um nível de vida mais humano, inclusive na sociedade" (LG 40).

"Ficam convidados e, ainda, obrigados, todos os cristãos a buscarem insistentemente a santidade e a perfeição dentro do próprio estado" (LG 42).

Maria, a "cheia de graça", é modelo de santidade para o povo de Deus.

Exame

— Temos ainda uma idéia da santidade como algo reservado aos clérigos, aos monges... ou aparvalhada, antiquada?

— Contribuímos com nossa palavra e com nossa vida para renovar a santidade no povo de Deus?

— Cremos verdadeiramente que é possível viver em santidade, plenamente de acordo com o Evangelho, em nosso estado e condição particulares?

Conversão

* Tomar decisões para apoiar este chamamento e a obrigação universal de santidade dentro das obrigações e preocupações de nossa vida pessoal diária.

* Estudar as exigências concretas que, em nossa situação comunitária real, tem a chamada universal à santidade.

Invocação

Alegra-te, cheia de graça.
Roga por nós, pecadores.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria, a cheia de graça, nos dais um impulso sempre novo para caminharmos para vós, o único Santo. Fazei-nos participar de vossa santidade.

Canto

20. FILHA DE SIÃO, MÃE DA ESPERANÇA

Palavra de Deus

Zc 9,9-10: Alegra-te, filha de Sião.

Sf 3,14-18: Alegra-te, filha de Sião: não temas.

Lc 1,26-38: Alegra-te, Maria: não temas.

1Pd 3,13-17: Dispostos a dar razão à vossa esperança.

Rm 8,18-27: As criaturas gemem em dores de parto.

1Pd 1,3-9: Fomos gerados para uma esperança viva.

Texto antológico

"Assim Maria foi saudada: 'Alegra-te, cheia de graça; o Senhor esteja contigo'. Foi saudada como sendo a filha de Sião, símbolo de Israel, a quem foi anunciado o resgate, a vinda do Messias: o Senhor está contigo. Não se trata, pois, de uma saudação vulgar e corrente, mas, isto sim, de um convite ao gozo messiânico, dirigido à filha de Sião: 'Alegra-te veementemente' (em hebraico, *ranni;* em grego, *chaire sphodra*).

Isto parece claro ao compararmos o relato da anunciação com a profecia de Sofonias (3,14-17), tendo-se o cuidado de assinalar os evidentes pontos de contato entre os dois textos.

O texto original hebraico do relato de são Lucas nos teria mostrado, sem dúvida, a evidência dos contatos literários entre o anúncio messiânico de Sofonias à filha de Sião e a anunciação do anjo a Maria. Além disso, o texto grego também no-lo deixa ver. Por enquanto, basta-nos notar, uma vez mais, a ineludível relação entre

a filha de Sião, que personifica o povo de Deus, e Maria. A Virgem, mãe do Messias, é a manifestação pessoal do povo de Israel, filha de Sião, que esperava, em meio às dores da história, o alegre parto de sua esperança e de sua libertação, prometida pelo Senhor. Maria, filha de Sião, é a 'encarnação' de Israel.

São Lucas viu na Virgem Maria a filha de Sião do Antigo Testamento, a filha de Sião escatológica, a 'encarnação' do 'resto' fiel de Israel, o qual, em sua pobreza e santidade, esperava a alegria da vinda de Deus em seu Messias.

Maria, filha de Sião, vai ser a mãe do Messias, e no momento de sua concepção virginal, Iavé virá morar em seu seio, como na Arca da Aliança. Filha de Sião, Mãe do Messias, Morada de Deus, contemplando-a na perspectiva do Antigo Testamento que são Lucas quis ressaltar."

MAX THURIAN

Reflexão

O texto de Lc 1,28-38 é mais do que uma saudação improvisada de um arcanjo que surge. É a fé da primitiva comunidade cristã expressa por meio do evangelista, fé que vê em Maria o cumprimento das promessas messiânicas e libertadoras do Antigo Testamento.

Maria, dedicando sua fé e sua esperança como pista de aterrissagem de Deus em Jesus, personifica a fé e a esperança de Israel. Ela é, para a fé do Novo Testamento, a nova definitiva filha de Sião, o resumo e a cristalização de todas as esperanças messiânicas no Deus libertador.

Maria, nova filha de Sião, é o símbolo de uma esperança ativa, que se oferece a si mesma, que se compromete pelo advento do Reino, que não falha a despeito das dificuldades e obscuridades, que sintoniza e resume a esperança coletiva de todo um povo, de todos os homens e povos que esperam em Deus libertador. Uma

esperança cristocêntrica: Vem, Senhor Jesus!, que aponta para o Reino: "Venha a nós o vosso reino".

Exame

— Como anda nossa esperança? Façamos uma *análise* da esperança, perante a marcha do mundo, a evolução da Igreja, o caminhar da sociedade, o itinerário de nossa família...

— Em que coisas, fatos, pessoas, movimentos históricos se fundamentam minhas esperanças? Tenho alguma esperança desprovida de qualquer fundamento, baseada tão-somente em Deus? Quem pode estar dependendo de mim — ainda que eu não o saiba — para manter viva sua esperança? Sinto-me responsável, solidário na esperança?

— Sabemos manter a esperança quando nos defrontamos com a perplexidade, o desacerto, a crítica, a involução, os fracassos, as deserções?

Conversão

* Tomar decisões para fazer uma análise de nossa esperança.
* Provocar uma forma realista de compartilhar comunitariamente as esperanças concretas que nos animam na comunidade cristã.
* Dar apoio a quem, perto de mim, estiver desesperançado.
* Sentimo-nos solidários com todos os homens e povos que aguardam a libertação.

Invocação

Maria, filha de Sião, aurora do Reino, esperança do povo de Deus.
Anima nossa esperança de libertação total.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria fizestes aparecer as primeiras luzes da libertação anunciada, esperada ardentemente pela filha de Sião. Renovai hoje no povo de Deus uma apaixonada esperança. Fazei com que vivamos unidos à autora da libertação que estais fazendo chegar com vosso Reino.

Canto

21. MARIA, VITÓRIA DE DEUS CONTRA O MAL

Palavra de Deus

Gn 3,14-16: A linhagem da mulher esmagará a cabeça da serpente.

Ap 12,1-17: Não podendo o dragão vencer a mulher, pôs-se em marcha para guerrear seus filhos, aos que fazem a vontade de Deus e mantêm o testemunho de Jesus.

1Pd 4,12-16: Alegria e coragem na luta contra o mal.

Mt 16,24-28: Quem quiser seguir-me, carregue sua cruz e siga-me.

Texto antológico

"O Apocalipse narra que a mulher deu à luz a uma criança que foi arrebatada ao céu (cf. Ap 12,5-6). Esta é a descrição mais curta da vida de Jesus: nasceu de Maria na gruta de Belém, viveu trinta anos em Nazaré, andou pregando ao povo durante três anos, esteve a ponto de ser devorado pelo dragão que o condenou à morte e o matou na cruz..., mas Deus interveio e o ressuscitou. Arrebatou-o da morte da boca do dragão malvado e o levou ao céu, fazendo-o sentar-se à sua direita (cf. Ap 12, 5). Lá no alto, Jesus recebeu todo o poder e converteu-se no Senhor da história (cf. Ap 12, 10-12).

Humanamente falando, a mulher ia perder. Mas Deus interveio, pondo-se do lado da vida. Triunfou a mulher, triunfou a vida! O dragão da maldade e da morte ficou derrotado. Não teve opção! A debilidade venceu a força!

Esta vitória de Deus nos garante a vitória final do bem na luta contra o mal, que ainda hoje continua sendo travada. Deus tomou partido e definiu sua posição. O dragão da maldade cairá derrotado!

Quando Jesus nasceu, só uns pobres pastores se apresentaram. Unicamente os pobres conseguem descobrir a riqueza escondida na pobreza. Só os pobres e os humildes descobrem a grandeza do poder de Deus, presente na debilidade das coisas humanas. O próprio Jesus dizia ao Pai: 'Pai, Senhor do céu e da terra, louvo-te porque mantiveste estas coisas ocultas dos sábios e dos prudentes e as revelaste aos simples. Sim, Pai, graças porque assim te pareceu certo' (Mt 11,25-26).

Por isso mesmo os pobres podem se considerar felizes, porque grande é a missão que devem desempenhar. Hão de descobrir e de anunciar aos demais a Boa Nova da libertação que vem de Deus.

Aí está a razão de o povo humilde carregar o andor de Nossa Senhora pelas ruas e se proteger debaixo do nome de Maria. É nela que os pobres se reconhecem, como num espelho que Deus põe diante deles. Em tal espelho da vida de Maria, o povo descobre seu rosto humano e a missão que deve cumprir. A história desse povo pobre é igual à história de Maria, que continua até hoje. Até hoje prossegue entre nós a luta da mulher contra o dragão da maldade, enchendo o coração de todos de uma nova esperança. A mulher vencerá, porque Deus está com ela!"

CARLOS MESTERS

Reflexão

A realidade não está parada, mas sim em movimento. A realidade humana não é principalmente natureza, mas sim, antes de mais nada, história. Tudo é dinâmico. O homem é história. Deus é aquele que era, aquele que é e aquele que será. Ele é quem infunde dinamismo à realidade. E esse caráter dinâmico da reali-

dade é conflituoso: a história é uma luta entre o bem e o mal.

A história da salvação é a história de Deus salvando seu povo, defendendo-o do mal, comprometendo-se em duras batalhas a favor da vida, da justiça, do amor, do futuro, da libertação, da instauração de seu reinado.

A luta de Deus contra o mal a favor de seu povo não pertence a uma etapa histórica passada, mitológica. É atual. A instauração do Reino está em jogo nas lutas atuais. Nelas Deus revelou seus segredos aos pobres e aos simples, que se tornam portadores de sua utopia. O Deus que nos revela Jesus não é um Deus abstrato, simétrico, neutro, asséptico, mas, isto sim, um Deus que toma partido, que escuta os clamores de seu povo, que baixa à terra para libertá-lo, que se identifica com os pobres.

Nessa luta histórica, Maria se apresenta como uma batalha vitoriosa de Deus diante das forças do mal. Uma vitória que continua inspirando o povo de Deus em suas lutas a favor do Reino.

Exame

— Sabemos ver, com os olhos da fé, para além da superfície dos fatos e das notícias, as batalhas de Deus na história?

— Estamos atentos com Deus diante do assédio do mal e do pecado?

— Vivemos comodamente, sem percebermos e sem entendermos as batalhas de Deus pela justiça, pelo amor... pelo Reino?

— Assumimos o conflito cristão como militância a favor do Reino de Deus?

— Temos ainda uma idéia de Deus como simétrico, imparcial, abstrato, neutro, idealista, aristotélico, platônico, metafísico?

Conversão

* Assumir a vida como militância pelo Reino.
* Abandonar toda atitude de passividade, neutralidade, indiferença.
* Pronunciar-se vitalmente a favor de Deus, da vida, da justiça, dos pobres, do Reino.
* Converter-nos ao Deus vivo, abandonando todos os deuses falsos.

Invocação

Santa Maria, vitória de Deus diante do mal.
Ajuda-nos no combate pelo Reino de Deus.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria conseguistes uma vitória perfeita contra as forças do mal. Dai-nos força para lutarmos diariamente pela causa do homem, vossa causa — o Reino! Fazei valer também hoje vosso braço poderoso junto a todos os que dão sua vida pelo triunfo da paz, do amor e da justiça.

Canto

MARIA, VITÓRIA DE DEUS SOBRE O MAL

22. MÃE DO SALVADOR

Palavra de Deus

Lc 2,1-14: Uma grande alegria para todo o povo: "Nasceu-vos um Salvador".

Lc 1,26-38: Dar-lhe-ás o nome de Jesus, Salvador.

Is 7,10-15: Dar-lhe-ão o nome de Emanuel, Deus-conosco.

Texto antológico

"Essa união da mãe e do Filho ultrapassa de muito aquilo que parece à primeira vista. Uma mãe comum geraria um filho sem se associar por isso à sua obra futura. Ela lança as bases remotas, mas não se compromete com seus trabalhos, que amanhã serão levados a cabo independente dela, a mãe. Não acontece o mesmo com Maria: sua maternidade a compromete na obra redentora, assim como a encarnação já leva em germe a redenção. Maria não é a mãe de alguém que um dia será redentor e salvador do mundo, como a mãe de um sacerdote é a mãe de um filho que um dia será chamado ao sacerdócio. O Filho que dela nasce vem ao mundo como redentor e salvador. Não é ocasional, em Jesus, o ser sacerdote e vítima da Nova Aliança. Já nasce sacerdote e já nasce cordeiro de Deus. Os padres gregos insistiram fortemente nessa salvação do mundo embutida no nascimento de Cristo. Jamais devemos esquecer que a mãe do Salvador está associada, desde o princípio, à obra da salvação."

CARDEAL SUENENS

Reflexão

Jesus significa "Salvador". E Jesus o é. Ele nos traz o sentido, a paz, a utopia, a palavra definitiva e total de Deus, o sacramento original, a salvação presente. Jesus é o Emanuel, o Deus-conosco, o próprio Deus em meio a nós, dando-nos a salvação que desde sempre ofereceu aos homens. Veio para dar a vida. Para que tenhamos vida, para que a tenhamos com abundância. Ele veio para salvar o mundo, não para condená-lo.

E tudo isso numa humanidade histórica concreta, em Jesus de Nazaré. Deus feito homem. E Maria é a mãe desse homem, Jesus, o Salvador.

Por isso Maria sempre terá uma posição importante na fé dos seguidores de Jesus. Ademais, sua função materna não se acabou então: "A Virgem, durante a vida, foi modelo daquele amor materno de que devem estar animados todos aqueles que colaboram na missão apostólica da Igreja para a redenção dos homens" (LG 65).

Exame

— Somos sinais e veículos da salvação que Deus tornou realidade em Jesus?

— Sentimos Maria perto de nós, como mãe de Jesus que é?

— Estamos animados de seu espírito de amor materno, sentindo-nos co-responsáveis pela extensão da salvação a todos os homens?

Conversão

* Procurar converter nossa vida em causa de salvação para todos os que nos rodeiam.

* Sentir como nossa a preocupação pela salvação dos homens em toda a extensão do mundo.

Invocação

Maria, mãe do Salvador.

Ajuda-nos a colaborar na gestação do mundo.

Oração

Deus, nosso Pai, que por Maria nos destes o Salvador, fazei-nos participar de seu amor materno para nos sentirmos co-responsáveis com todos os homens que esperam a salvação e a tornam mais próxima.

Canto

23. MARIA, FAMILIAR E VIZINHA

Palavra de Deus

Lc 1,39-45: Foi visitar sua prima Isabel.

Jo 2,1-12: Bodas em Caná da Galiléia.

Texto antológico

"O apostolado no meio social, quer dizer, o afã de encher de espírito cristão o pensamento e os costumes, as leis e as estruturas da comunidade em que se vive, é de tal forma um dever e uma carga dos leigos que jamais poderá ser realizado convenientemente pelas demais pessoas. Neste campo, os leigos podem exercer o apostolado de companheiro para companheiro. É aí que se complementa o testemunho da vida com o testemunho da palavra. No campo do trabalho, da profissão, do estudo, da vizinhança, do descanso ou da convivência, são os leigos os mais aptos para ajudar seus irmãos" (AA 13).

"Semeiem também a fé de Cristo entre seus companheiros de trabalho, obrigação tanto mais imperiosa quanto mais se considerar que muitos homens não podem ouvir falar do Evangelho nem conhecer a Cristo a não ser por meio de seus companheiros leigos" (AG 21).

Reflexão

As grandes coisas quase sempre são realizadas na pequenez, no simples. É a lei da encarnação.

Nazaré: o próprio Deus oculto na pequenez de uma família, na obscuridade de um casario esquecido e miserável, no cotidiano de seus compromissos domésti-

cos, nas relações familiares de uma vizinhança negligente...

Maria: velando anonimamente o crescimento de Jesus, tornando possível, em silêncio, o advento do Reino, tornando presente o mistério, levando ocultamente Deus para sua prima, fazendo o bem a seus amigos de Caná. Deus feito família e vizinhança na família de Maria.

Exame

— Valorizamos a vida simples? Sabemos ver nela, com fé, a profundidade de nossas responsabilidades divinas?

— Somos portadores de Deus aos amigos, aos conhecidos, aos familiares... sem espetáculos, caladamente, com paciência e constância?

— A que amigos, familiares, vizinhos posso levar Jesus? Como? Que passos darei?

— Rever nossa vida, simples, doméstica, íntima. Que presença de Deus deixo que a habite?

Conversão

* Tomar decisões para tratar de converter a vida familiar, as relações de vizinhança, a amizade... num primeiro âmbito de compromisso para realizar o Reino de Deus, de "impregnação das estruturas temporais com o espírito das bem-aventuranças".
* Trate de viver com mais amor suas relações humanas, com mais humanidade.
* Abra os olhos, faça uma verificação: que necessidades alheias, próximas de mim, não descobri em familiares, parentes, amigos, vizinhos, companheiros, conhecidos?

Invocação

Maria, mãe de Jesus, mãe de todos os homens.
Ajuda-nos a levar Jesus a toda a família humana.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria de Nazaré nos destes um exemplo de vida familiar simples, oculta, solidária. Fazei com que nossa vida cotidiana, simples e humildemente, introduza também a presença de Jesus em meio ao povo.

Canto

24. MULHER DO SIM

Palavra de Deus

Lc 1,26-38: Faça-se em mim segundo a sua palavra.

2Cor 1,18-22: Nele só existia "sim".

Texto antológico

"Maria é a 'Virgem ouvinte' que acolhe com fé a palavra de Deus; fé que para ela foi sinal e caminho até a maternidade divina, porque — como Santo Agostinho o intuiu — 'a bem-aventurada Virgem Maria concebeu crendo naquele (Jesus) que deu à luz crendo'; com efeito, quando recebeu do anjo a resposta à sua dúvida (cf. Lc 1,34-37), 'ela, cheia de fé e já concebendo em sua mente Cristo antes do que em seu seio', disse: 'Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a sua palavra' (Lc 1,38); fé que foi para ela causa de bem-aventurança e de segurança em que se cumpriria a palavra do Senhor (Lc 1,45); fé com a qual ela, protagonista e testemunha singular da Encarnação, voltava sobre os acontecimentos da infância de Cristo, confrontando-os entre si no íntimo de seu coração (cf. Lc 2,19-51). O mesmo faz a Igreja que, sobretudo na Sagrada Escritura, escuta com fé, acolhe, proclama, venera a palavra de Deus, a distribui aos fiéis como pão da vida e esquadrinha, à luz da Sagrada Escritura, os sinais dos tempos, interpretando e vivendo os acontecimentos da história.

Acima de tudo, a Virgem Maria sempre foi proposta pela Igreja como imitação aos fiéis, não exatamente pelo tipo de vida que ela levou e menos ainda pelo ambiente sócio-cultural em que se desenvolveu sua vida, hoje em dia superado em quase todos os lugares,

mas sim porque em suas condições concretas de vida ela aderiu total e responsavelmente à vontade de Deus (cf. Lc 1,38); porque acolheu a palavra e a pôs em prática; porque sua ação estava animada pela caridade e pelo espírito de serviço; porque, digamos, foi a primeira e a mais perfeita discípula de Cristo, o que tem valor universal e permanente."

PAULO VI, *Marialis cultus*

Reflexão

Já foi claramente insinuado por Jesus: Maria é mais bem-aventurada por haver escutado a palavra de Deus e a ter posto em prática do que por ter sido a mãe física de Jesus.

Dizer "sim", escutar, acolher e cumprir a palavra de Deus é a característica de um verdadeiro crente. O sim de Maria na anunciação não é mais que a síntese do sim que pronunciou de forma ampliada ao longo de toda sua vida.

Nossa verdadeira devoção deve passar por uma autêntica imitação do que Maria tem de mais bem-aventurada. Imitá-la é prolongar seu sim em nossa vida: "Faça-se em mim segundo sua palavra".

Exame

— Nossa vida é um sim para Deus? Em nosso íntimo, que zonas reservamos para o "não"?

— Estou atento para escutar as propostas que Deus me faz através de seus desconhecidos mensageiros?

— Qual o sim que me é mais difícil de pronunciar?

— Em nossa comunidade cristã há um lugar que nos ajude a melhor escutar a palavra de Deus e a cumpri-la com mais eficácia?

Conversão

* Tomar decisões para banir toda sombra de nossa vida.
* Apoiar para que em nossa comunidade cristã escutemos atentamente a palavra de Deus.
* Ser também para os irmãos de minha comunidade cristã mensageiro de Deus, ajudando-os, a partir de minha fé, a descobrir as exigências de Deus para com a vida deles.

Invocação

Mãe de Jesus, mãe do sim.
Que se cumpra em nós a palavra do Senhor.

Oração

Deus, nosso Pai, em Jesus pronunciastes para nós vosso definitivo "sim". Nele vós fostes todo um sim. Ajudai-nos a responder também como Maria: "Faça-se em nós segundo a vossa palavra".

Canto

25. FELIZ ÉS TU PORQUE CRESTE

Palavra de Deus

Lc 1,39-45: Feliz és tu porque creste.

Hb 11; 12,1-5: Com os olhos fixos em Jesus que inicia e consuma nossa fé.

Texto antológico

"Maria aparece como a primeira que, na nova ordem de Cristo, cumpre o autêntico movimento da fé. Zacarias tinha sido cético e tinha pedido um sinal, depois de sua visão no templo: 'E quem me garantirá isso?, porque sou já ancião e minha esposa tem muitos anos' (Lc 1,18). Apesar da visão e da palavra evangélica, Zacarias duvida, enquanto Maria aceita com toda confiança, só propondo a pergunta 'como', mas sem pedir um sinal. A semelhança entre estas duas anunciações revela muito e revela bem a pureza da fé de Maria. Zacarias emudecerá, por sua incredulidade: 'Pois bem! Ficarás mudo, em silêncio, até o dia em que isto se cumprir, por não teres acreditado em minhas palavras, que a seu tempo se cumprirão' (Lc 1,20). Isabel, a esposa de Zacarias, que foi a testemunha direta da mudez de seu incrédulo esposo, com mais admiração ainda reconhece, devido a isto, a resoluta fé de Maria: 'Bem-aventurada a que acreditou'... (Lc 1,45). Zacarias pertence ainda ao Antigo Testamento, de coração renitente à fé, objeto de um milagre divino que se cumpre em que pese sua pouca fé. Maria é, na verdade, a primeira cristã, a verdadeira crente que, predestinada pela graça divina, entra em seu plano pela oferta total de seu ser, pela obediência alegre e pela aprazível confiança na palavra de Deus. Deus não age apesar de Maria e de sua pobreza, mas sim nela e com ela, dando-

-lhe por uma graça a possibilidade de unir-se e de aderir, com uma fé pura, à verdade da Boa Nova.

Nisto Maria é a bem-aventurada crente (que acreditou), a primeira cristã, a mãe dos crentes, no sentido pelo qual Abraão é chamado de 'pai dos crentes'. Por um ato de fé Abraão inaugurou a Antiga Aliança, comparável ao ato de fé de Maria nos albores da Nova Aliança."

MAX THURIAN

Reflexão

Antes de mais nada, Maria é uma crente, uma discípula de Jesus, seu filho — a primeira crente. Por isso Maria é modelo para nós. Não é uma "deusa", é uma mulher. É de nossa raça. Faz parte da Igreja. É uma crente, como nós, que nos serve de modelo.

Que ela seja também mãe de Deus não nega tudo isso, mas sim complementa, fundamenta e enriquece.

O motivo de sua bem-aventurança, de sua felicidade é, como diz Isabel, sua fé. E por isso é louvada. Maria entra nessa imensa multidão de testemunhas da fé de que nos fala a carta aos hebreus. Abraão é o pai dos crentes do Antigo Testamento. Maria encabeça a lista dos crentes do Novo Testamento. E Jesus continua sendo aquele que torna tudo isso possível: o iniciador e consumador de nossa fé.

Exame

— Como contemplamos Maria: afastando-a de nós ou considerando-a verdadeiramente nossa?

— De vez em quando, na oração, contemplamos a imensa multidão de testemunhas que nos precederam na história de nossa fé?

— Vemos Maria realmente como um exemplo de fé comprometida?

— Temos "os olhos postos em Jesus", iniciador e consumador de nossa fé?

Conversão

* Aproveitar a ocasião e fazer uma revisão de nossa vida de fé.
* Rever nossas idéias sobre Maria e pô-la em seu lugar, como mãe daqueles que crêem.
* Passar em revista, comunitariamente, como vai a vida de fé de nossa comunidade cristã.

Invocação

Mãe dos crentes.
Feliz és tu porque creste.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Maria nos destes um exemplo de mulher crente, discípula de Jesus, vosso Filho, Senhor nosso. Concedei-nos que caminhemos na fé, como ela, seguindo a Jesus.

Canto

26. MARIA, MULHER NOVA

Palavra de Deus

Lc 1,39-45: Bendita és tu entre todas as mulheres.

Gn 3,14-16: A linhagem da mulher esmagará a cabeça da serpente.

Ef 4,17-24: Despojados do homem velho e revestidos do homem novo.

2Cor 5,17ss: Aquele que está em Cristo é criação nova.

Texto antológico

"No culto à Virgem merecem também atenção e consideração as conquistas certas e comprovadas das ciências humanas; isto ajudará, efetivamente, a eliminar uma das causas da inquietude que percebemos no campo do culto à mãe do Senhor, ou seja, a diversidade entre algumas coisas de seu conteúdo e as atuais concepções antropológicas e a realidade psicossocial, profundamente modificada, na qual vivem e atuam os homens de nosso tempo. Observa-se, com efeito, que é difícil enquadrar a imagem da Virgem, tal como é apresentada por certa literatura devocional, nas condições de vida da sociedade contemporânea e, em particular, das condições da mulher, quer seja no ambiente doméstico, onde as leis e a evolução dos costumes tendem justamente a reconhecer-lhe a igualdade e a co-responsabilidade com o homem na direção da vida familiar, quer seja no campo político, onde ela — em muitos países — conquistou um poder de intervenção na sociedade igual ao do homem; seja ainda no campo social, onde a mulher desenvolve sua atividade nos mais distintos setores operacionais, deixando cada dia mais o estreito ambiente do lar; o mesmo se dá no campo cultural, onde se

lhe oferecem novas possibilidades de investigação científica e de êxito intelectual.

A Igreja católica, baseando-se em sua experiência secular, reconhece na devoção à Virgem uma poderosa ajuda para o homem visando a conquista de sua plenitude. Ela, a Mulher nova, está junto de Cristo, o Homem novo, em cujo mistério só encontra verdadeira luz o mistério do homem, como penhor e garantia de que numa simples criatura — quer dizer, nela — realizou-se o projeto de Deus em Cristo para a salvação de toda a humanidade. Ao homem contemporâneo, freqüentemente atormentado entre a angústia e a esperança, esmagado pela sensação de sua limitação e assaltado por aspirações sem fim, de ânimo perturbado e de coração dividido, a mente suspensa entre o enigma da morte, oprimido pela sociedade enquanto tende para a comunhão, presa de sentimentos de náusea e de fastio, a Virgem, contemplada em sua vicissitude evangélica e na realidade já obtida na Cidade de Deus, oferece uma visão serena e uma palavra tranqüilizadora: a vitória da esperança sobre a angústia, da comunhão sobre a solidão, da paz sobre a perturbação, da alegria e da beleza sobre o tédio e a náusea, das perspectivas eternas sobre as temporais, da vida sobre a morte."

Paulo VI, Marialis cultus

Reflexão

Deus semeou sua Palavra em todos os homens e em todos os povos, e por isso os homens acariciaram em seus sonhos coletivos os desejos utópicos do coração humano. A utopia de um Homem Novo e de um Mundo Novo figura, com nomes e línguas diferentes, no catálogo de utopias de todos os povos. São Paulo dividiria esta designação com muitos outros homens, povos e movimentos da história.

Nós, cristãos, cremos que Deus nos revelou em Jesus não só a si mesmo, mas também a nós mesmos. Em Jesus não apenas nos disse quem ele é, mas também quem somos nós verdadeiramente, quem nós pode-

mos chegar a ser, que participação e que potencialidades divinas temos em nós mesmos. Jesus não só é a revelação de Deus, como também a revelação do Homem Novo e do Mundo Novo.

E não se trata de uma revelação para satisfazer a possível curiosidade da inteligência humana. Deus nos revela o futuro, a chave da história, o imperativo do ser, a meta do único caminho válido. O Homem Novo é a chegada para a qual convergem todos os caminhos da história. É a palavra de Deus nas diferentes línguas das utopias de todos os povos.

A luta pelo Homem Novo e pelo Mundo Novo definem o compromisso, o afazer cristão na história. Uma luta que tem de ser travada tanto nos corações de cada um, na intimidade, no interior... como nas estruturas sociais, na sociedade global.

Em Maria, a mãe de Jesus, como primeira crente e mais próxima seguidora de Jesus, vemos, os cristãos, a realização mais bem-sucedida do Homem Novo, que é Jesus. Maria é uma cristã, uma Mulher Nova.

Exame

— Valorizamos a presença da palavra de Deus que ocorre nos diferentes povos e suas utopias? Ou cremos que os cristãos têm a exclusividade e o monopólio da salvação?

— Quanto existe ainda em nós do homem velho?

— Estamos fazendo algo pelo Mundo Novo, pela transformação social, ou nos fiamos exclusivamente na mudança interior dos corações?

— Cuidamos de converter nosso coração, ou nos fiamos totalmente na mudança social das estruturas?

— Que presença têm em nossa vida pessoal e comunitária as dimensões utópicas? Por acaso tudo se limita ao que se pesa, se mede, se conta e o que entra na conta bancária?

Conversão

* Meditar Ef 4,17-24 e tratar de assimilar as atitudes do Homem Novo.
* Renovar nossa vontade radical de nos entregarmos ao projeto do evangelho: o Homem Novo.
* Desprezar o levedo velho das atitudes pagãs que ainda ocorrem em nossa vida.

Invocação

Maria, Mulher Nova, mãe de Jesus.
Faz-nos cada dia mais semelhantes a teu filho, o Homem Novo.

Oração

Deus, nosso Pai, que em Jesus, filho de Maria, nos revelastes vosso projeto original e escatológico para o mundo e para o homem: um Homem Novo para um Mundo Novo, confirmando e iluminando assim os bons desejos utópicos de todos os povos. Fazei com que, unindo nosso esforço ao de todos os homens de boa vontade, consigamos construir com vosso favor um Homem Novo num Mundo Novo.

Canto

27. FIEL ATÉ A MORTE

Palavra de Deus

Jo 19,25-27: Estava sua mãe ao pé da cruz.

Mt 16,24-28: Aquele que quiser seguir-me, pegue sua cruz.

Jo 15,9-13: Não há maior amor do que dar a vida.

Texto antológico

"Ainda que nem sempre desse para entender tudo o que Jesus ensinava e fazia, ela sempre o apoiou. Por isso, teve problemas com os parentes. Quem não os tem? Os parentes andavam preocupados com Jesus, acreditando que estivesse indo longe demais, que tivesse perdido o juízo (cf. Mc 3,11). Queriam levá-lo à força para casa (cf. Mc 3,21) e tinham conseguido que Maria lá estivesse para mandar-lhe este recado (cf. Mc 3,31-32). Mas Jesus não mordeu a isca e deu a entender a seus parentes que não tinham nenhuma autoridade sobre ele. Só Deus a tinha, e o importante era fazer sua vontade (cf. Mc 3,33-35). Noutra ocasião, os parentes queriam que Jesus fosse um pouco mais ousado e se apresentasse em seguida em Jerusalém para ganhar mais fama (cf. Jo 7,2-4).

No final de contas, os parentes não acreditavam em Jesus (cf. Jo 7,5). Eram oportunistas. Só queriam se aproveitar de seu famoso primo. O que Jesus tinha dito: 'Os inimigos de alguém serão os de sua própria casa' (Mt 10,36), estava acontecendo com ele próprio, dentro de sua própria família. Maria deve ter sofrido muito por causa disso!

Mas quando, ao final, Jesus foi detido como subversivo (cf. Lc 23,2) e condenado como herege (cf. Mt 26,54-66), os parentes desapareceram todos e nenhum

mostrava a cara, a não ser algumas mulheres. Mas Maria agüentou. Não fugiu, não teve medo. Inclusive os apóstolos, exceto João, se eclipsaram (cf. Mt 26,56). Ela, não. Ficou com Jesus e o apoiava. Com ele esteve até no Calvário e ali permaneceu, assistindo-o em sua agonia (cf. Jo 19,25). Isto fazia parte de sua missão, assumida perante o anjo: 'Sou a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo o que disseste' (Lc 1,38). As autoridades condenaram Jesus como anti-Deus e antipovo. Maria não se importou: foi a única da família que não retrocedeu. Ela não abandona as pessoas na hora do aperto. Vai com elas até o fim!

Fez o mesmo com os apóstolos. Ainda que tenha sido abandonada por eles, não os deixou. Permaneceu com eles, perseverando na oração durante nove dias para que a força de Deus os ajudasse a superarem o medo que os atormentava e os fazia fugir (cf. At 1,14)."

CARLOS MESTERS

Reflexão

A fidelidade é uma das formas de que se reveste a fé. E a fé é crer, é confiar, entregar, pôr a própria vida nas mãos daquele em quem cremos, a quem nos confiamos. Crer é permitir que ele intervenha em nossa vida, é apoiar nossa vida em sua palavra, em seu testemunho, em seu amor.

Na evolução da fé, no crescimento espiritual, também costuma ocorrer uma primeira etapa de ilusão, de colorido e de atrativo. Depois vêm as dificuldades, as contradições, as implicações dolorosas.

Se num primeiro momento a fé é entrega e confiança, num momento posterior há de se converter em fidelidade, que é constância, apesar de todas as dificuldades, apesar do cansaço, apesar de toda a aparente evidência contrária.

E o toque final de consumação de toda vivência humana é a morte: ser fiel até a morte é o remate de ouro de toda fidelidade. Aceitar a morte por fidelidade a

Deus. Se não é esta uma situação que a todos nos caiba, pelo menos todos nós devemos estar dispostos a enfrentá-la:

"Se bem que o martírio, suprema prova de amor, seja um dom concedido a poucos, não obstante todos devem estar dispostos a confessar Cristo diante dos homens e a segui-lo pelo caminho da cruz, no meio às perseguições que nunca faltam à Igreja" (LG 42).

Exame

— Como vai nossa perseverança, nossa constância?

— Nos momentos difíceis, nossa fidelidade se sustém ou titubeia?

— Continuamos tendo uma idéia simplória ou romântica a respeito da fidelidade a Jesus?

— Estaríamos dispostos a dar, com a ajuda de Deus, a suprema prova de amor?

Conversão

* Tomar decisões para ampliar nossa própria fidelidade a Jesus.
* Apoiar a fidelidade de todos os que, na própria comunidade cristã, sentem-se prejudicados, desanimados, fatigados.

Invocação

Mãe de Jesus, fiel até a sua morte, ao pé da cruz.
Dá-nos fidelidade para seguirmos a Jesus.

Oração

Pai nosso, que na mãe de Jesus nos destes um exemplo acabado de fidelidade a toda prova. Dai-nos a força que ela teve para estar ao pé da cruz e ser fiel até a morte, enfrentando todos os riscos e as conseqüências de ser mãe e seguidora de Jesus.

Canto

MARIA DEU A LUZ,
NA CRUZ,
A NOVOS FILHOS

28. MÃE DA COMUNIDADE CRISTÃ

Palavra de Deus

At 1,12-14: Perseveravam na oração num mesmo espírito com a mãe de Jesus.

Jo 19,25-27: Mulher, aí tens teu filho.

Jo 17,20-23: Que sejam um, como tu e eu somos um.

Texto antológico

"Sob a figura de Maria, mãe do discípulo, essa maternidade da Igreja é a fonte da unidade dos discípulos, dos irmãos, dos fiéis de Cristo. Em sua oração sacerdotal (Jo 17), Jesus rezou pela unidade dos seus: 'Dei-lhes a glória que tu me deste para que sejam um como nós somos um: eu neles e tu em mim, a fim de que sejam consumados na unidade e o mundo conheça que tu me enviaste e que os amei como tu me amaste' (Jo 17,22-23). A unidade do Pai e do Filho é a fonte e o modelo da unidade dos irmãos, e é possível graças à habitação de Cristo em seu Corpo, a Igreja, pelo Espírito Santo. A Igreja, como mãe dos fiéis, suscita e conserva a unidade dos irmãos de Cristo. Como uma mãe, a Igreja se preocupa constantemente com a unidade de seus filhos, os filhos do Pai e irmãos de Cristo.

Maria, imagem da Igreja-mãe, acolhe o discípulo fiel como seu filho, e ele a recebe em sua casa; simbolizam a unidade da Igreja. Essa cena contrasta com a que imediatamente a precede. Os soldados repartem entre si as vestes do Crucificado, sorteiam sua túnica inconsútil. Para os que carecem de fé, Cristo é objeto de divisão e de separação; realizam a profecia sobre a separação dos homens: 'Repartiram minhas vestes e lançaram sor-

tes sobre minha túnica' (Sl 22,19). Pelo contrário, o grupo de mulheres fiéis ao pé da cruz e, sobretudo, as palavras do Crucificado a sua mãe e ao discípulo significam a unidade dos crentes na única Igreja. Infelizmente, os cristãos assemelham-se demasiado aos soldados que repartem entre si os despojos de Cristo, em vez de se parecerem com Maria e o discípulo, unidos pelo Crucificado na mesma comunidade espiritual e material.

Nós, unidos à Igreja-mãe, somos os verdadeiros discípulos bem-amados e fiéis, os autênticos irmãos de Jesus, como o discípulo bem-amado que é o filho de Maria. Como ele, que acolhe Maria em sua casa, e porque somos verdadeiros filhos do Pai, verdadeiros irmãos de Cristo, também devemos acolher em nossa vida a Igreja, nossa mãe."

MAX THURIAN

Reflexão

Afirma-o claramente, através de suas páginas, o Novo Testamento: o cristianismo não surgiu como consolo para intimidades individuais, mas sim como mensagem de transformação histórica e transcendente, levada adiante pelos discípulos de Jesus em comunidade cristã. A mensagem do Reino fez surgir em seguida uma rede de comunidades por todo o mundo mediterrâneo. Comunidades. Não tem sentido, é inconcebível no Novo Testamento um cristão solitário e isolado, fora de uma comunidade cristã.

Maria, viúva e com seu filho morto, justiçado, poderia ter reunido motivos para ficar em casa, em sua solidão, afastada de toda iniciativa comunitária. Vemo-la, porém, reunida com os discípulos, entre eles, atraindo o Espírito de seu Filho com a potência de seu coração, na oração da comunidade cristã...

Maria não aparece no Evangelho na primeira fila, diante da galeria, em lugares de destaque. Seu lugar é humilde, silencioso, calado, mas ativo...

Maria nos ensinou, com seu compromisso comunitário, a importância da comunidade eclesial e sua permanente ação na Igreja.

Exame

— Cremos ter motivos suficientes para não participarmos da comunidade cristã? Somos ainda daqueles que vivem seu cristianismo isoladamente, individualmente, sem compartilhar a fé, sem formar uma comunidade cristã?

— Somos daqueles que colocam sua participação na comunidade cristã em função de que nos apreciem, de que nos estimem, nos correspondam, nos agradem... ou somos membros da comunidade incondicionalmente?

— Esforçamo-nos por dar participação a todos na comunidade? Sabemos valorizar os membros da comunidade que trabalham por ela em silêncio, na oração, a começar da enfermidade?

Conversão

* Renovar nosso propósito de vida comunitária.
* Orar pela comunidade, apoiar sua vida e suas decisões, não ser freio nem estorvo para a mesma.
* Tratar de nos educarmos para um cristianismo vivido em comunidade, para além dos individualismos.

Invocação

Mãe de Jesus, mãe da Igreja.
Ajuda-nos a viver em comunidade cristã.

Oração

Deus, nosso Pai, vós suscitastes na história o povo de Deus como comunidade crente e comprometida na esperança do Reino. Enviai sobre nós vosso espírito, como o enviastes sobre a primeira comunidade cristã reunida em oração com a mãe de Jesus.

Canto

MARIA,
MÃE DA COMUNIDADE CRISTÃ

29. MULHER DO DIFÍCIL TODO

Palavra de Deus

Lc 10,38-42: Marta e Maria. A melhor "parte".

Lc 2,50-52: Maria considerava tudo isto, meditando em seu coração.

Texto antológico

"O difícil todo

Somente melhor
que essa melhor parte
que escolheu Maria,
o difícil todo!

Acolher o Verbo,
se dando ao Serviço.
Velar sua Ausência,
gritando seu Nome.
Descobrir seu Rosto
nos rostos da noite.

Fazer do Silêncio
a maior escuta.
Traduzir em atos
as Sagradas Letras.

Combater amando.
Morrer pela Vida,
lutando na Paz.

Derrubar os tronos
com as velhas armas
quebradas na ira,
forradas de flores.

Plantar a bandeira
da Justiça livre
no grito dos Pobres.

Cantar sobre o Mundo
a vinda d'Aquele
que o Mundo reclama
e os Homens esperam,
talvez sem sabê-lo
— o nosso Esperado...!

... Somente melhor
o difícil todo
da outra Maria..."

PEDRO CASALDÁLIGA

Reflexão

O mistério de Deus é inefável, incompreensível, não dá para abrangê-lo. Ninguém pode compreender suas insondáveis riquezas. A cada um de nós é dado participarmos, limitadamente, deste mistério. Por isso, cada qual acentua certos aspectos em vez de outros, segundo sua própria capacidade, segundo a sintonia de sua própria graça, de seu carisma pessoal e comunitário. Acontece também que, ao longo da história, cada verdade ou cada faceta do mistério tem seu próprio *kairós*, seu momento mais oportuno ou o momento em que mais necessário é que seja acentuada. Daí que, ao longo (diacronicamente) da história e em toda a extensão da comunidade cristã, num determinado momento da história (sincronicamente) caiba o pluralismo, caibam as diversas espiritualidades, os distintos acentos, as distintas correntes eclesiais.

Isto, que sempre ocorreu ao longo da história, é hoje mais visível que em outras épocas. As distintas correntes não se coadunam sem dificuldade. Nem sempre agem como mutuamente complementares; às vezes, isto sim, parecem irremediavelmente incompatíveis. Verticalismo-horizontalismo, ortopráxis-ortodoxia, céu-terra, oração-ação, escatologia-história, instituição-profetismo,

idealismo-materialismo, etc., no fundo, são outros tantos pólos de dimensões do cristianismo que devem se articular entre si sem demasiadas tensões, dissensões, oposições, alternativas rígidas. A virtude, à margem do que pensaria a tradição, não está necessariamente "no meio", mas sim onde o Evangelho o disser, onde Jesus a pôs, porque nos referimos à virtude cristã, não apenas à de Sócrates ou Aristóteles.

O problema consiste em obedecer realmente às exigências evangélicas; em dialogar, para iluminarmo-nos não com nossas próprias filosofias, mas sim com a luz que advém do fato de seguirmos Jesus.

O Evangelho, apesar dos escassos textos no que a isto se refere, nos dá bases para ver em Maria uma experiência espiritual de síntese, de complementaridade, de integração, tudo conjugado com a máxima radicalidade no seguimento a Jesus por causa do Reino.

Exame

— Que bases ou dimensões da vida cristã mais eu abandonei?

— Tenho tendências unidimensionais, parciais, unilaterais no que se refere à vida cristã?

— Trato de aproveitar o bem que os irmãos que estão numa espiritualidade diferente da minha podem trazer-me?

— Que meios mobilizamos em nossa comunidade cristã para tratar de dialogar e de enriquecer-nos mutuamente?

— Abrigo-me por detrás da prudência, do equilíbrio, do amadurecimento, da ponderação... para fixar-me em posturas ecléticas e moderadas que renunciam ao radicalismo no que tange a seguir Jesus?

Conversão

* Fazer um esforço para encontrar a síntese cristã. Apoiar em minha vida aquelas facetas para as quais sou sensível, aquilo que tenho a tendência de descuidar.
* Tratar de alcançar uma visão integradora, buscando também o positivo, sem querer buscar sempre as oposições, tratando de auxiliar pedagogicamente meu interlocutor.

Invocação

Maria, mãe do Cristo total.
Faz nosso coração semelhante ao dele.

Oração

Deus, nosso Pai, em Maria vós nos destes um modelo de síntese total, de complementação perfeita, de luta e contemplação, de dizer e fazer, de escutar e responder, de falar e calar, de profecia e compromisso, de orar e atuar, de denúncia e de anúncio. Ajudai-nos a mais nos aproximarmos desse modelo, para mais e mais nos posicionarmos no caminho de vosso Filho Jesus.

Canto

30. MÃE DE TODOS OS CRISTÃOS

Palavra de Deus

Jo 19,25-27: Aí tens teu filho.

At 1,14; 2,44-47: Maria orava com a comunidade cristã, que tinha um só coração e uma só alma.

Jo 17,20-23: Que sejam um, como tu e eu somos um.

Texto antológico

"Por seu caráter eclesial, no culto à Virgem refletem-se as preocupações da própria Igreja. Entre elas, sobressai-se em nossos dias o anseio de restabelecimento da unidade dos cristãos. A piedade para com a mãe do Senhor torna-se, assim, sensível às inquietudes e às finalidades do movimento ecumênico, ou seja, adquire ela própria uma imagem ecumênica. E isto por vários motivos.

Em primeiro lugar, porque os fiéis católicos se unem aos irmãos das Igrejas ortodoxas, entre os quais a devoção à Virgem se reveste de alto lirismo e de profunda doutrina ao venerar, com particular amor, a gloriosa 'Theotocos', e ao aclamá-la 'Esperança dos cristãos'; unem-se aos anglicanos, cujos teólogos clássicos já tinham posto em relevo a sólida base escriturística do culto à mãe de nosso Senhor e cujos teólogos contemporâneos sublinham acentuadamente a importância do posto que Maria ocupa na vida cristã; unem-se também aos irmãos das Igrejas da Reforma, dentro das quais floresce vigorosamente o amor pelas Sagradas Escrituras, glorificando a Deus com as mesmas palavras da Virgem (cf. Lc 1,46-55).

Em segundo lugar, porque a piedade para com a mãe de Cristo e dos cristãos é para os católicos ocasião

natural e freqüente para lhe pedir que interceda junto a seu Filho pela união de todos os batizados num só povo de Deus. Mais: porque a vontade da Igreja católica é que no referido culto, sem que por isso se atenue seu caráter singular, evite-se cuidadosamente toda espécie de exageros que possam induzir a erro os demais irmãos cristãos acerca da verdadeira doutrina da Igreja católica e se faça desaparecer toda manifestação de culto contrária à reta prática católica."

PAULO VI, *Marialis cultus*

Reflexão

O próprio Paulo VI é quem nos recorda que no culto mariano devemos refletir as preocupações da Igreja, entre as quais sobressai a do ecumenismo. Muitas comunidades cristãs não têm tal preocupação, nem no culto mariano nem fora dele...

Ainda que possa ter um sentido correto aquele de que de Maria *nunquam satis* (nunca se poderá dizer o bastante), também é certo que no culto mariano produziram-se exageros, supertições, credulidade vã, falta de coerência e compromisso... e outras coisas que perturbam as relações entre as diferentes confissões cristãs, segundo nos diz Paulo VI em *Marialis cultus*.

Uma comunidade cristã coerente e responsável tem de levar em conta esses aspectos. Tem de examinar até que ponto sua espiritualidade mariana deve se ver afetada por essa preocupação ecumênica.

É preciso voltar ao Evangelho e à Palavra de Deus, ser rigoroso na fundamentação de toda espiritualidade, atual em sua aplicação, coerente e comprometido para evitar toda alienação ou evasão...

E é preciso, sobretudo, ter uma visão ampla, ecumênica. Saber e crer que não temos a exclusividade da Verdade completa, nem o monopólio da salvação. Aceitar na fé que o Espírito de Jesus está vivo e que atua eficazmente em muitos homens, grupos e povos. E viver numa prática coerente com essas convicções ecu-

mênicas. Colaborar fraternalmente com todos os que realmente lutam pelo Reino, seja qual for sua bandeira.

Exame

— Que correções a preocupação ecumênica imporia a nossa devoção mariana, quer como comunidade cristã, quer como pessoas individuais?

— Podemos estar sendo pedras de escândalo para os irmãos separados?

— Que preocupação ecumênica vivemos em nossa comunidade cristã?

— Temos atitudes de sincera cooperação fraterna?

Conversão

* Orar pela união dos cristãos. Refletir em nossa vida a preocupação ecumênica.
* Apoiar as iniciativas ecumênicas que se tomem acerca de nós. Tomar decisões para aproximar as comunidades cristãs.
* Encontrar uma atitude correta, respeitosa e adequada ante o proselitismo das "seitas".

Invocação

Maria, mãe de todos os homens.
Ajuda-nos a criar a unidade do mundo para que chegue o Reino.

Oração

Deus, nosso Pai, que sofreis ao ver dividido o povo de Deus em diversas confissões cristãs. Fazei com que chegue o dia em que todos os seguidores de Cristo nos unamos numa só grande comunidade, para que sejamos fermento de unidade entre todos os homens de boa vontade.

Canto

31. MARIA NA ALEGRIA ETERNA

Palavra de Deus

Sf 3,14-18: Exulta, filha de Sião. Já não sofrerás mal algum.

Lc 1,39-45: Ditosa és tu, que creste.

Ap 21,1-5: Novos céus e nova terra.

Texto antológico

"Assim como Cristo realiza sua ressurreição em nosso meio por sua presença poderosa e eficaz na vida do mundo, outro tanto podemos dizer da glória de Maria e de sua 'assunção aos céus'. Isso quer dizer que ela está mais presente no mundo que nenhuma outra mulher. Pensa-se muito em Cleópatra; Maria, invoca-se. É a mulher que está mais presente e mais próxima de nós. Não devemos imaginar longe de nós Cristo ressuscitado nem Maria assunta ao céu, o novo Adão e a nova Eva da humanidade, como se o céu fosse um imenso salão no qual flutuam inúmeras almas e onde só dois lugares estão ocupados fisicamente. Não; nada disto podemos — nem devemos — sequer imaginar com categorias de tempo e de espaço. Aqui, nesta Terra, poderemos sentir a presença de Cristo e de Maria se levarmos uma vida de acordo com o espírito de Cristo e a eles nos dirigirmos em nossa oração."

Novo catecismo para adultos

Reflexão

A assunção de Maria não é uma corrida espacial, não é uma translação física, porque o céu não é um lugar, e sim um estado. Ir para o céu não é empreender uma viagem sideral.

Temos de reconhecer que muitos cristãos, em sua representação imaginativa do futuro escatológico, ainda estão demasiadamente dependentes de representações muito falhas das artes plásticas, provenientes de nossa primeira educação cristã, em nossa infância. São representações que deixam muito a desejar, às quais muitos cristãos aderem com muito constrangimento. Não se atrevem a expressar tal constrangimento porque lhes parece um mundo de representações infantis. Nesse sentido, são um obstáculo para a fé; inclusive, motivo de escândalo para pessoas cultas e dotadas de senso crítico.

Os mortos não se vão, mas vêm para dentro de tudo. Instalam-se definitivamente em Deus. O céu é Deus. E essa ressurreição não tem relógio nem calendário. Os mortos não estão esperando. E em Maria tudo isso teve de ocorrer de modo eminente. É o que significa sua assunção. De qualquer forma, é preciso que nos esforcemos para compreendê-la.

Exame

— Que pensamos do céu? Como o "imaginamos"?

— Sabemos dar razão à nossa esperança na vida eterna? Podemos fazer isso empregando expressões e formulações aceitáveis?

— Já lemos ou estudamos — em grupo ou individualmente — sobre o céu, depois de nossa primeira formação religiosa, na infância?

— Temos verdadeira esperança na vida eterna?

Conversão

* Tomar medidas para reformular o tema dos novíssimos (morte, juízo, inferno, céu e purgatório) e neles podermos crer e exprimi-los sem dificuldades especiais.

* Sentir verdadeiramente a vida eterna, o Reino de Deus, como objeto de nossa esperança, imanente e transcendente ao mesmo tempo.
* Desejar ardentemente: Vem, Senhor Jesus!
* Confortar a esperança dos desalentados.
* Compartilhar nossa esperança, especialmente com os que se aproximam da morte.

Invocação

Maria, mãe nossa, tu que te adiantaste definitivamente em Deus.

Faz com que todo mundo participe de tua alegria eterna.

Oração

Deus, nosso Pai, em Maria pudestes levar à consumação plena vosso plano de salvação. Fazei com que nós também, um dia, possamos compartilhar a alegria dela no Reino definitivo.

Canto

CANTOS

Ao trono acorrendo

Ao trono acorrendo
da Virgem Maria
exulta o Brasil
de amor e alegria.

Dois séculos faz
à terra ela vinha,
dos nossos afetos
ser doce rainha.

O rio Paraíba
recebe o favor
de imenso tesouro:
a Mãe .do Senhor!

Nas curvas de um M
no rio brasileiro,
Maria aparece
à luz do Cruzeiro.

Nas cruzes da vida
clamemos: "Maria".
Ó nossa esperança,
vem ser nosso guia.

Ó mãe e rainha
do manto de anil,
guardai nossa pátria,
é vosso Brasil!

Virgem santa Aparecida

Virgem santa Aparecida,
da eterna glória onde estás,
sê vida de nossa vida,
Não nos deixes, não, jamais.

Imagem salva das águas,
como outrora foi Moisés,
do abismo de nossas mágoas
salva-nos tu por quem és.

Aos tristes, pobres, sem nome,
sem lume, sem pão, sem lar,
vem prevenir-lhes a fome,
qual ao conde de Assumar.

É justo que se consagre
a ti a pátria gentil.
Faze, ó mãe, este milagre:
guarda teu sempre o Brasil.

Santa Maria do caminho

Pelas estradas da vida
nunca sozinho estás.
Contigo pelo caminho
santa Maria vai.

Ó vem conosco, vem caminhar,
santa Maria, vem.

Se pelo mundo os homens
sem conhecer-se vão,
não negues nunca a tua mão
a quem te encontrar.

Mesmo que digam os homens
"Tu nada podes mudar",
luta por um mundo novo
de unidade e paz.

Se parecer tua vida
inútil caminhar,
lembra que abres caminho,
outros te seguirão.

Ensina o teu povo a rezar

Ensina o teu povo a rezar
Maria, mãe de Jesus,
que um dia o teu povo desperta
e na certa vai ver a luz,
que um dia o teu povo se anima
e caminha com teu Jesus.

Maria de Jesus Cristo
Maria de Deus, Maria mulher,
ensina a teu povo o teu jeito
de ser o que Deus quiser.

Maria, senhora nossa,
Maria do povo, povo de Deus,
ensina o teu jeito perfeito
de sempre escutar teu Deus.

Mãe do céu morena...

Mãe do céu morena,
Senhora da América Latina
de olhar e caridade tão divina,
de cor igual à cor de tantas raças.
Virgem tão serena,
Senhora destes povos tão sofridos,
patrona dos pequenos e oprimidos,
derrama sobre nós as tuas graças.

Derrama sobre os jovens tua luz.
Aos pobres vem mostrar o teu Jesus.
Ao mundo inteiro traz — o teu amor de mãe.

Ensina quem tem tudo a partilhar.
Ensina quem tem pouco a não cansar.
E faz o nosso povo caminhar em paz.

Derrama a esperança sobre nós
ensina o povo a não calar a voz.
Desperta o coração — de quem não acordou.
Ensina que a justiça é condição
de construir um mundo mais irmão.
E faz o nosso povo conhecer Jesus...

Súplica à Mãe da vida...

No coração do povo está presente
o coração materno de Maria.
Se deste mundo a mãe ficasse ausente
pobres de nós a vida o que seria?

Ave Maria da vida proteção
olha teu povo que aspira a redenção! (bis)

Se todos nós lutamos pela vida
só pela fé provamos seu valor.
Maria mãe, és conforto e acolhida
vem revelar os planos do Senhor.

És Mãe fiel que sempre protegeste
aquele ser que Deus te confiou.
Nem mesmo a dor e a morte tu temeste
por ser assim o mundo se salvou.

Quando nós vemos este mundo triste,
matando a vida antes de nascer
até parece que o amor não mais existe.
Maria vem teus filhos socorrer.

Maria em minha vida

Ave Maria!
Eu canto louvando Maria m'ia Mãe.
A ela um eterno obrigado direi.
Maria foi quem me ensinou a viver.

Maria foi quem me ensinou a sofrer.
Maria em minha vida é luz a me guiar.
É Mãe que me aconselha, me ajuda a caminhar.
MÃE DO BOM CONSELHO, ROGA POR NÓS!

Quando eu sentir tristeza, sentir a cruz pesar,
Ó Virgem, mãe das Dores, de ti vou me lembrar.
VIRGEM, MÃE DAS DORES, ROGA POR NÓS!

Se um dia o desespero vier me atormentar,
a força da esperança em ti vou encontrar.
MÃE DA ESPERANÇA, ROGA POR NÓS!

Nas horas de incerteza, ó Mãe vem me ajudar,
que eu sinta confiança na paz do teu olhar.
MÃE DA CONFIANÇA, ROGA POR NÓS!

Que eu diga a vida inteira, o "sim" aos meus irmãos,
o sim que tu disseste, de todo coração.
VIRGEM, MÃE DOS HOMENS, ROGA POR NÓS!

Maria, mãe dos caminhantes

Refrão: Maria, Mãe dos caminhantes,
ensina-nos a caminhar.
Nós somos todos viandantes,
mas é difícil sempre andar.

1. Fizeste longa caminhada
para servir a Isabel.
Sabendo-te de Deus morada,
após teu sim a Gabriel.

2. Depois de dura caminhada
para a cidade de Belém,
não encontraste lá pousada:
mandaram-te passar além.

3. Com fé fizeste a caminhada,
levando ao templo o teu Jesus,
Mas lá ouviste da espada,
da longa estrada para a Cruz.

4. De medo foi a caminhada
que para longe te levou,
para escapar à vil cilada
que um rei atroz te preparou.

5. Quão triste foi a caminhada
de volta a Jerusalém,
sentindo-te angustiada,
na longa busca do teu bem.

6. Humilde foi a caminhada
na companhia de Jesus,
quando pregava, sem parada,
levando aos homens sua luz.

7. De dores foi a caminhada,
no fim da vida de Jesus!
Mas, o seguiste conformada,
com ele foste até a Cruz!

8. Vitoriosa caminhada
fez finalmente te chegar
ao céu, a meta da jornada,
dos que caminham sem parar.

Ave Maria

Ave Maria, cheia de graça,
saudou o anjo a Virgem Santa.
Meu coração em Deus espera,
em ti confia, a ti se eleva.

Cumpra-se em mim a tua palavra,
pois do Senhor eu sou a escrava.
Ó Deus, revela-me os teus planos,
na tua verdade, guia os meus passos.

Feliz és tu que acreditaste,
pois se fará como escutaste.
Deus mostra aos pobres sua justiça,
e seus caminhos aos bons ensina.

Ela pensava na saudação
e meditava no coração:
é bom e justo Nosso Senhor,
é dos humildes o Salvador!

Canto da Virgem Maria

Refrão: O Senhor fez em mim maravilhas,
Santo é seu nome!

1. A minh'alma engrandece ao Senhor.
Exulta meu espírito em Deus, meu Salvador.

2. Pôs os olhos na humildade de sua serva:
doravante, toda a Terra cantará os meus louvores.

3. Seu amor para sempre se estende
sobre aqueles que o temem.

4. Demonstrando o poder de seu braço,
dispersa os soberbos.

5. Abate os poderosos de seus tronos
e eleva os humildes.

6. Sacia de bens os famintos.
Despede os ricos sem nada.

7. Acolhe Israel, seu servidor,
fiel ao seu amor.

8. E a promessa que fez aos nossos pais,
em favor de Abraão e de seus filhos para sempre.

9. Glória ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito,
desde agora e para sempre pelos séculos. Amém.

Ó Mãe, neste dia queremos cantar

Refrão: Ó Mãe, neste dia queremos cantar.
Com grande alegria teu nome exaltar,
unidos aos anjos que cantam no além.
É fęsta no céu e na Terra também.

1. Na Encarnação, te entregaste ao Senhor.
À sua vontade aderiste com ardor.

2. Na visitação, prorrompeste em louvor
a Deus que de ti fizera um primor.

3. De Deus as palavras guardavas na mente.
A graça crescia em tua alma ardente.

SUMÁRIO

O autor apresenta aqui um conjunto de subsídios para celebrações marianas: as do mês de Maria, alguma novena ou qualquer outra celebração. É um livro concebido para ser posto nas mãos dos membros da comunidade: daí sua apresentação clara, sucinta e comunicativa.

Sua utilização não prevê hora nem lugar: seja em família, dentro ou fora da missa, individualmente ou em grupo.

A obra é subsídio, estímulo, convite. E ela nos conduz a Maria de Nazaré, principalmente nesta nossa contestada Igreja da Libertação da América Latina.

3365-0

Em busca de Deus

ep
EDIÇÕES PAULINAS